



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ANA CLÁUDIA DE OLIVEIRA BENTES

**O IDOSO NAS INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA: ESTUDO DE
CASO MÚLTIPLOS**

Belém-Pará

2014

ANA CLÁUDIA DE OLIVEIRA BENTES

**O IDOSO NAS INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA: ESTUDO DE
CASOS MÚLTIPLOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Janari da Silva Pedrosa.

Belém/PA

2014

Dados Internacionais de Catalogação de Publicação (CIP)
(Sistema de Bibliotecas- SIBI/UFPA)

Bentes, Ana Cláudia de Oliveira, 1965-

O idoso nas instituições de longa permanência : estudo de casos múltiplos / Ana Cláudia de Oliveira. – 2014.

Inclui bibliografias

Orientador: Janari da Silva Pedroso

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Belém, 2014.

1. Idosos – Assistência em instituições – Belém (PA). 2. Envelhecimento – Belém (PA) – Aspectos psicológicos. 3. Percepção. I. Título.

CDD 22. ed. 155.672

ANA CLÁUDIA DE OLIVEIRA BENTES

**O IDOSO NAS INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA: ESTUDO DE
CASOS MÚLTIPLOS**

Aprovada em: / /

Conceito:

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Janari da Silva Pedroso – Orientador

Doutor em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido
Universidade Federal do Pará – UFPA

Profa. Dra. Celina Maria Colino Magalhães - Membro

Doutora em Psicologia Experimental
Universidade Federal do Pará - UFPA

**Profa. Dra. Júlia Sursis Nobre Ferro Bucher-Maluschke -
Membro**

Doutora em Ciências Familiares e Sexológicas
Universidade Católica de Brasília – UCB /Universidade Nacional de
Brasília - UNB

A minha família com quem sempre posso contar:
Nilda (mãe), Luiz (irmão), Dorgina (tia-mãe) e
Ana Bárbara (filha), meus grandes amores a quem
devo muito e, portanto sou eternamente grata.

Orlando Lisboa Bentes (pai) e Elmira Lisboa
Bentes (tia-madrinha) in memoriam.

AGRADECIMENTOS

A Profa. Dra. Nilda de Oliveira Bentes, minha grande incentivadora de conhecimento.

Ao mestrado de Psicologia da Universidade Federal do Pará.

Ao Prof. Dr. José Anchieta de Oliveira Bentes, por sua disponibilidade e dedicação.

À Secretaria de Assistência Social do Estado do Pará por ter autorizado a pesquisa.

À Unidade de Apoio as Pessoas Idosas Lar da Providência por permitir realizar pesquisa.

Ao Prof. Dr. Janari da Silva Pedrosa, por acreditar no meu potencial.

A Profa. Dra. Celina Maria Colino Magalhães por suas sugestões quando membro da banca de qualificação.

Ao Prof. Dr. Carlos Alberto Batista Maciel por seus ensinamentos nas disciplinas do mestrado, do mesmo modo também pelas sugestões quando membro da banca de qualificação.

A Profa. Dra. Airle Miranda de Souza por seus ensinamentos nas disciplinas do mestrado.

A Ney de Oliveira, por sua disponibilidade.

Ao Prof. Dr. Benedito Paulo Bezerra, por me permitir ir ao encontro do conhecimento.

Aos meus grandes amigos do PAPS, Antônio Carlos Santos, Sandra Alves, Rosana Leão, José Borges, Débora Arruda e Valzete Dourado, como suporte neste momento de tanta dedicação ao mestrado.

À amiga Maria de Nazaré Barbosa por seu incentivo na minha caminhada no mestrado.

RESUMO

O estudo objetiva analisar as percepções dos idosos não dependentes residentes em uma instituição de longa permanência pública. A pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa do tipo Estudo de Casos Múltiplos, a produção de dados foi realizada por meio das fontes de evidência: diário de campo, roteiro para coleta de informações do prontuário dos idosos e entrevista semiestruturada com técnica análise de conteúdo de Bardim. Foram estudados 04 casos da Unidade de Apoio às Pessoas Idosas Lar da Providência, em Belém do Pará. Dois do sexo feminino e dois do sexo masculino, com critério de seleção de maior tempo de permanência e não dependência. Os principais resultados indicam: 1- Os idosos pensionistas no tocante ao motivo procuraram a instituição como residência, estavam com os vínculos familiares fragilizados e manifestavam insegurança em morarem sozinhos; 2- Um dos idosos tutelados não tinham vínculo familiar e foi encaminhado a instituição por estar em situação de risco; 3- As percepções dos idosos sobre a instituição é de segurança, com relação ao processo de acolhimento é visto como fator de proteção. Aborda-se um ressignificar da instituição na vidas destes longevos, que passa a ser desmistificada de uma caricatura tecida na finitude do idoso.

Palavras-chave: Idoso. Instituição de longa permanência. Percepções. Envelhecimento. Estudo de Caso.

ABSTRACT

The present study aimed at analyzing the perception of non-dependent elderly people who live in a public long-term institution. This research makes use of a qualitative multiple-case study approach; the data collection was performed through evidence sources: field diary, a guide on how to collect information from the elderly medical records, and a semi-structured interview with Bardim's content analysis technique. Four cases were studied from the Lar da Providência Support Unit for The Elderly People in the city of Belém, state of Pará, Brazil. Two man and two women took part; the selection criteria were the longest permanence period in the institution and non-dependency. The main results indicate: 1- the institutionalized elderly sought the institution to be their house; they had fragile family bonds and declared to be insecure to live on their own; 2- One of the elderly didn't have family bonds and was sent to the institution because he was considered to be in a risk situation; 3- the elderly perception about the institution is of security, regarding the welcoming process it is seen as a protecting factor. It is approached a new meaning for the institution in these elderly life, which, from now on, is demystified from the caricature build in the finitude of the aged person.

Keywords: Elderly. Long-term Institution. Perception. Aging. Case Study.

LISTA DE SIGLAS

ILP - Instituição de Longa Permanência

UAPILP - Unidade de Apoio às Pessoas Idosas Lar da Providência

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SEAS - Secretaria de Estado da Assistência Social

OMS - Organização Mundial de Saúde

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

UEPA - Universidade do Estado do Pará

CESUPA - Centro Universitário do Estado do Pará

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	10
2 MÉTODO DE PESQUISA	14
2.1 A pesquisa qualitativa	14
2.2 Estudo de caso	15
2.3 O local da pesquisa	16
2.4 Instrumentos de pesquisa.....	17
Diário de campo.....	17
Roteiro para coleta de informações do prontuário.....	17
Entrevista	18
2.5 Procedimento	18
2.6 Análise de dados da entrevista	19
3.6 Categorias molares e moleculares	21
3 PARTICIPANTES	23
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	27
4.1 Ser Idoso	27
4.1.1 Independência/Dependência	31
4.1.2 As impossibilidades do fazer.....	33
4.1.3 Viver com pouco dinheiro da aposentadoria	36
4.1.4 As relações sociais como sobrevivência.....	38
4.1.5 Saúde de velho.....	40
4.2 Estar na instituição	44
4.2.1 Saída de casa.....	49
4.2.2 Alojamento privativo e coletivo	52
4.2.3 O que tem lá não tem aqui	54
4.3 Referência de família	56
4.3.1 Família que não faz papel de família.....	61
4.3.2 Ficar sem família	63
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	67
APÊNDICES	75
ANEXOS	80

1 APRESENTAÇÃO

O percentual de pessoas com mais de 60 anos somam 23,5 milhões de brasileiros segundo dados do censo de 2010. O Brasil entra assim no terceiro milênio com grandes desafios, entre eles, o da inversão da pirâmide etária, visto que as crescentes parcelas da população brasileira são de idosos e segundo a expectativa média de vida do brasileiro devem aumentar dos atuais 75 anos para 81 anos (IBGE, 2012). Registra-se também que segundo dados da Organização Mundial de Saúde (OMS, 2013), o Brasil, até 2025, será o sexto país do mundo com o maior número da população idosa.

Além desses aspectos, destaca-se que a partir dos anos 50 a população idosa mundial aumentou consideravelmente e desde então, trabalhos científicos sobre o envelhecimento se intensificaram. A Psicologia foi uma das ciências que se destacou entre as primeiras disciplinas científicas a estudar este campo. A evolução desta área ocasionou mudanças no estudo do desenvolvimento, que era uma extensão sobreposta ao do ramo infantil. Assim, a passagem das credices e dos mitos acerca do idoso como um ser decrépito, para a constituição de uma psicologia do envelhecimento com propriedades que tendiam às de uma área de conhecimento científico se fortaleceu consideravelmente em relação à senescência. Neste patamar, surgiu o conceito de velhice bem-sucedida, com a finalidade de resolver a questão dos limites e potenciais da velhice para o desenvolvimento. Temas como prolongar a juventude e envelhecer com qualidade de vida no individual e conseqüentemente no social. A velhice passou a ser preocupação constante do ser humano, apresentada nos âmbitos da filosofia, da religião, do direito, da medicina e das ciências sócias (NERI, 1995).

Diante deste cenário, Neri e Sommerholder (2013) apontam que a maioria dos idosos atualmente encontra-se com a capacidade de cuidar de si mesmo e com isso há uma ampla independência na realização de atividades em seu cotidiano. Avkawa e Neri (2008) assinalam que as pessoas se encarregam de sua própria vida: alimentar-se adequadamente, locomover-se, tomar banho, usar o banheiro, andar, subir e descer escadas, cortar as unhas. Do mesmo modo, na realização de atividades instrumentais: realizar serviços domésticos, usar transporte, ministrar medicação, planejar orçamento, pagar contas, entre outros.

Baltes e Silverberg (1995), ao conceituarem autonomia e dependência, definem que a primeira favorece a identidade e a individuação e a segunda propicia necessidade de segurança. Faleiros (2013) considera a autonomia como a disposição e possibilidade relacional para tomar decisões a respeito de si e de sua relação com o mundo. Desta

forma, permite-se pensar que a autonomia é essencial ao idoso, em particular quando decide ir à busca da instituição de longa permanência como moradia.

As instituições de longa permanência (ILP) são cada vez mais procuradas pelos idosos como aponta Camarano (2007) ao categorizar a região Norte quanto ao grau de dependência do idoso em ILP no Pará. Esta autora mostra um percentual considerável de idosos não dependentes, residentes nas ILP 48,6%, comparado a 26,1% de semidependentes e 25,3% dependentes. Deste modo, a demanda pelas ILP como moradia no Pará é maior em idosos não dependentes.

Essas características indicadoras dos idosos não dependentes alicerçaram a escolha da temática “O idoso nas instituições de longa permanência: estudo de casos múltiplos”. O problema com a pessoa idosa não dependente nas ILP foi tomando forma, ao refletir sobre a mesma, enquanto residente em um lugar de normas já estabelecidas e, portanto, essencialmente obedecidas, e neste contexto a individualidade deste idoso é algo necessariamente a ser considerado, além dos fatores de envelhecimento.

Além desse fator acima relatado, na rotina de meu trabalho como psicóloga, terapeuta de família, em um programa que atende servidores de uma instituição de ensino e hospitalar em Belém do Pará, no mês de janeiro de 2007 emergiu uma demanda significativa de familiares (mães e tias) de servidores, os quais atendidos em terapia familiar e psicoterapia individual. A partir desta escuta a temática mais evidente abordada por parte dessa clientela, situava-se no como enfrentar o envelhecimento contemporâneo, uma vez que estava se vivendo mais. O que fazer? As idosas falavam de suas perdas, dos declínios do corpo físico com o avanço da idade e também davam ênfase a sentimentos experienciados internamente e construídos nas relações intrafamiliares. Houve, portanto a necessidade de uma compreensão específica sobre o assunto quando realizado curso de especialização em Gerontologia, e desde então o campo do envelhecimento e consequentemente do idoso tem sido foco de estudo.

De volta à discussão teórica Creutzberg, Gonçalves e Sabottka (2008), sublinham a chegada do idoso às ILP como uma exigência da adaptação tecida no emaranhamento de sentimentos, que ora produzem distância e causam estranheza, ora apresentam segurança e compartilhamento, trançados de lembranças e realidades advindas das rotinas desses residentes. Concomitantemente percebe-se um movimento interno das ILP, no sentido de mudar a ideia, solidificada na sociedade, de que essas instituições são entendidas fundamentalmente com a função de caridade.

Sobre isto, Gamburgo e Monteiro (2009), em sua pesquisa, observam a mudança no perfil de idosos nas ILP ocorrida nos últimos anos, isto é, da demanda de pessoas com idade avançada, pobres e desprovidos de família para uma preeminência de longevos com incapacidade e dependência física e cognitiva, morbidades crônicas não transmissíveis e a falta de acesso a serviços de saúde através de convênios de planos de saúde. Reflete-se que a internação numa ILP pode obedecer às causas de ordem individual, social, econômica, de saúde ou à combinação das mesmas.

Um ponto importante a registrar refere-se a preocupação com os prejuízos que a institucionalização pode acarretar aos idosos, como a segregação, a padronização de atendimento para todos os residentes e um estado acentuado de controle, que foram abordadas por Tomasini e Alves (2007). Estes sugerem políticas públicas que estimulem a permanência desses indivíduos junto à família. Entretanto, para Porto e Koller, (2006), estar junto à família necessariamente não significa proteção, pois a negligência e os maus tratos físicos, psicológicos, emocionais e morais da família contra o idoso não é um fato novo.

Assim, há diferentes modos de examinar o idoso nas ILP, e neste sentido o campo da pesquisa qualitativa, a partir de um estudo de caso múltiplos, permite ampliar a compreensão do problema de forma promissora, uma vez que percebe o quanto é desafiador chegar nas ILP, em particular para o idoso não dependente. Permite também refletir sobre a convivência deste indivíduo: que padrões e rotinas estabelecidas o mesmo será submetido, a partir de sua entrada na instituição. Portanto, pretende-se investigar sobre a chegada e permanência do idoso não dependente em uma instituição de longa permanência em Belém do Pará, considerando poucos estudos sobre esta temática em particular neste município.

Para tanto se tem como objetivo geral descrever e analisar as percepções dos idosos não dependentes residentes na ILP. E os objetivos específicos: caracterizar o perfil sócio demográfico do idoso; identificar os motivos que levam o idoso não dependente a procurar a ILP como moradia; analisar o processo de acolhimento nas ILP e analisar como o idoso percebe a institucionalização.

O trabalho inicia-se pela discussão sobre o caminho metodológico, que esclarece as proposições que guiaram a construção e a análise dos dados do trabalho de campo. A metodologia utilizada foi Estudo de Casos Múltiplos, que emprega como fontes de evidência: o diário de campo, roteiro para coleta de informações do prontuário, e

entrevista semiestruturada com a técnica da análise de conteúdo de Bardin (1977). Dessa dinâmica emergiram as categorias empíricas, as quais foram classificadas em categoria molar ou global e a categoria molecular relacionada à categoria molar.

No terceiro capítulo são apresentados os resultados e a discussão dos mesmos. No “Ser Idoso”, por exemplo, são descritos a independência/dependência, as impossibilidades do fazer, viver com pouco dinheiro da aposentadoria, as relações sociais como sobrevivência e saúde de velho, as características encontradas no estudo do residente não dependente, as quais surgidas em seu cotidiano e apresentadas na pesquisa. O destaque dado ao “ser idoso” neste estudo não implica enfatizar todas as facetas relacionadas a essa etapa de vida, mas mostrar um “novo olhar” para a autonomia desta pessoa frente às questões de saúde, doença, relações sociais e trabalho.

Já no resultado “Estar na Instituição” o destaque dado é a percepção dos idosos relacionados a si mesmos e as suas necessidades que exige uma capacidade de lidar com os agentes e cuidadores da instituição e com a administração. Com relação à percepção de si, os residentes assinalam sobre suas saídas de casa e escolha da ILP como moradia. Revelam a preocupação em manter-se em estado de bem estar, relacionada à própria manutenção da vida, do mesmo modo a atenção recebida do “outro”. Por outro lado, estar na instituição envolve relacionamento entre residentes de diferentes regimes de organização da instituição, com a equipe multiprofissional e a obediência às regras e normas institucionais.

Enquanto que no resultado “Referência de Família” os idosos retratam sobre sua compreensão acerca do que representa a família em suas vidas, ao considerar que muitas memórias são revividas e neste contexto são abordadas as temáticas sobre: a família que não faz seu papel de família e ficar sem família.

Nas considerações finais são tecidos comentários sobre os principais dados importantes encontrados na pesquisa, no qual são apresentadas reflexões relevantes sobre o “ser idoso”, o fato de “estar na instituição” e do mesmo modo a “referência de família”. Espera-se que este estudo, com a compreensão a partir do processo de observação e análise, possa contribuir para um melhor entendimento do idoso não dependente enquanto residente em uma instituição de longa permanência.

2 METODO DE PESQUISA

2.1 A Pesquisa qualitativa

A pesquisa em pauta foi desenvolvida com foco na descrição dos fenômenos em seu estado natural da vivência do idoso não dependente nas ILP, desta forma a abordagem utilizada foi à qualitativa, pois compreende uma investigação que apresenta entre outras características a análise do contexto em que as situações ocorrem. Valoriza o significado que as pessoas dão às ocorrências e eventos. É um estudo que se refaz constantemente no próprio processo da produção de dados e admite a existência da subjetividade e da reflexividade na construção de significados (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Historicamente a pesquisa qualitativa ganha sua relevância no início do século XX quando realiza sua atividade investigativa por meio do desenvolvimento de um modelo etnográfico, apoiado na observação participante. Estudiosos como Malinowski, Bateson, Mead, Benedict entre outros passam a sistematizar o trabalho de campo, e à medida que o pesquisador aproxima-se do seu objeto de estudo, a construção do conhecimento por via de métodos criativos como os utilizados por Malinowski, supera formas de investigações instrumentalistas e despersonalizadas da pesquisa positivista tradicional, conseqüentemente uma compreensão mais profunda e segura surge nestes estudos (REY, 2002).

Nesta construção, conforme apontamentos de Neves (1996) são permitidos ao pesquisador constantemente procurar apreender os fenômenos segundo a perspectiva dos participantes da circunstância analisada. A interpretação dos acontecimentos estudados se estabelece no processo da conexão entre signo e significado, conhecimento e fato. Além do que, a condução da pesquisa qualitativa se realiza por uma “pluralização de esferas” que conforme Flick (2004) esta relacionada à mudança social acelerada e conseqüente diversificação de esferas de vida, ou seja, eventos como a dissolução de antigas desigualdades sociais na possibilidade de novas diversidades; formas individuais de vida e de padrões de história de vida; subculturas; estilos de vida entre outros, os quais necessitam da urgência de uma nova sensibilidade para o estudo empírico das questões.

Assim, a investigação na forma qualitativa tem como premissa satisfazer as exigências frente aos estudos da subjetividade como parte construtiva do indivíduo e das diferentes formas de organização social. Apoiase em três pilares: o primeiro refere-

se ao conhecimento como uma produção construtivo-interpretativa. Seu caráter interpretativo é gerado pela necessidade de dar sentido a expressão do sujeito estudado; o segundo relaciona-se a interpretação – o pesquisador integra, reconstrói e apresenta em construções interpretativas indicadores obtidos durante a entrevista; e o terceiro consta o uso e a definição dos indicadores como categorias a serem previstos nos processos de construção de informação na pesquisa qualitativa (REY, 2002).

Por trabalhar com pessoas, seus significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, a pesquisa qualitativa responde as questões muito particulares, ou seja, esta investigação embrenha-se no contexto de significados que necessita ser interpretado, em primeira instância, pelo próprio pesquisador, o que torna complicador explicar estas interpretações por meio de números e indicadores quantitativos. Portanto, a pesquisa qualitativa busca interpretar uma realidade que não é visível que precisa ser traduzida e exposta em que a interação entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados é essencial (MINAYO; GOMES, 2012).

2.2 Estudo de caso

A modalidade Estudo de Caso, conforme Yin (2010) investiga um fenômeno contemporâneo em profundidade no seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre fenômeno e o contexto não são claramente evidente. Neste sentido enfrenta a situação tecnicamente diferenciada em que existiram muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados, e que muitos resultados conta com múltiplas fontes de evidencia, o que permite ao pesquisador não partir de um esquema teórico fechado que limite suas interpretações. Como outro resultado, beneficia-se do desenvolvimento anterior das produções teóricas para orientar a coleta e análise de dados, quando as questões “como”, ou “porque” são propostas e o investigador tem pouco controle sobre os eventos.

Ressalta-se que dentre as explicações para o Estudo de Caso, este mesmo autor indica a existência de pelo menos quatro aplicações diferentes: 1) Explicar os previstos vínculos causais nas intervenções da vida real que apresentam excessiva complexidade para as estratégias de levantamento empírico; 2) Descrever uma intervenção e o contexto da vida real no qual ela ocorreu; 3) Ilustrar determinados tópicos em uma avaliação, novamente em modo descritivo; 4) Explorar as situações em que a intervenção, enquanto avaliação, não possui um único e claro conjunto de resultados.

Esta pesquisa adotou do estudo de casos múltiplos, os quais foram analisados isoladamente cada caso e permitiram a identificação das evidências comuns e padrões, por meio da realização do cruzamento dos mesmos. Além do que, considerou a análise dos resultados como geradora de proposições teóricas que seriam aplicáveis a outros contextos, que neste tipo de modalidade é nomeado segundo este mesmo autor, “generalização analítica”, ou seja, não se trata de uma simples amostra para população, mas um conjunto particular de uma produção investigada.

Assim, a partir da convergência de múltiplas fontes de evidencias, obtiveram-se as implicações que permitiram a conferência da validade ao estudo, e desta forma evitou-se que o resultado obtido estivesse subordinado somente à subjetividade do pesquisador, ou seja, com o suporte da convergência de múltiplas fontes de evidencia o resultado tornou-se consistente e, portanto, seguro para resolução de problemas relacionados ao assunto estudado (Ibidem, 2010).

Ademais se criou um banco de dados, o qual foi estruturado por documentos e notas, o primeiro composto por anotações dos prontuários dos residentes da ILP, o segundo, resultante das entrevistas que foram registradas após gravação e observações anotadas no diário de campo.

2.3 O Local da pesquisa

A Unidade de Apoio às Pessoas Idosas Lar da Providência foi o *lócus* da pesquisa. Situa-se na cidade de Belém, no estado do Pará, foi fundada em 1981, com objetivo de abrigar idosos independentes, com família e poder aquisitivo que garantisse de forma satisfatória suas necessidades de saúde, alimentação, vestuário e lazer.

Posteriormente com fechamento do asilo Dom Macedo Costa¹, a unidade iniciou acolhimento também de idosos sem renda os quais nomeia “tutelado”. Deste modo, passou a atender dois vínculos: os “pensionistas”, que contribuem financeiramente para sua estadia na instituição, e os “tutelados” pelo Estado. Abrigou no ano de 2013, 07 pensionistas e 48 tutelados, em um total de 55 residentes. Possui uma equipe multiprofissional composta por 05 assistentes sociais, 02 fisioterapeutas, 01 técnico em educação, 01 pedagogo, 01 fonoaudiólogo, 02 nutricionista, 02 médicos (assistente, avaliação), 05 enfermeiros e 01 psicólogo.

¹Antigo asilo situado em Belém do Pará, atualmente sua edificação é utilizada como Escola de Governo do Estado do Pará.

O ambiente da instituição conta com quartos suíte, cada um com armários, alguns com mesa, cadeira, ventilador e televisão. O mobiliário utilizado pelo “tutelado” é o da instituição podendo o mesmo comprar alguns objetos e usá-los em seu quarto, além do que divide o mesmo quarto com mais outro residente. Em relação aos “pensionistas” o quarto é individual o mobiliário é próprio do residente, alguns deles possuem fogão e geladeira. Há um refeitório composto por mesas e cadeiras, uma televisão e em anexo, localiza-se a cozinha, onde é servido o café, lanche, almoço, outro lanche e o jantar. Os demais compartimentos são uma capela, uma sala com TV, duas áreas laterais cobertas compostas de cadeiras, posto de enfermagem, uma ampla área verde, um estacionamento para os funcionários e uma guarita/portaria com vigilante e porteiro.

Neste prédio são realizadas atividades como oficinas terapêuticas, cinema, caminhada a uma área denominada “Utinga”, reza de terço, além de grupos de convivência e leitura. Conta com visitas do Núcleo de Educação Popular da Universidade do Estado do Pará (UEPA), e acompanhamento de estudantes e médicos do Centro Universitário do Estado do Pará (CESUPA). São programados passeios e também quando solicitada saídas individuais dos residentes.

2.4 Instrumentos da pesquisa

DIÁRIO DE CAMPO

O diário de campo é um instrumento de caráter dinâmico que registra eventos ocorridos no campo de pesquisa. Da mesma forma, em que permite o acesso a releitura de acontecimentos importantes que possam contribuir na construção do estudo investigado, ou seja, a partir de uma apreciação das primeiras anotações de campo a compreensão e o desenrolar da pesquisa possibilita algo mais que uma reprodução de eventos estudados (BEAUD; WEBER, 2007). Foram registradas observações emergidas no campo da investigação, logo após as entrevistas e as pesquisas dos prontuários, com a finalidade de minimizar a perda de informações relevantes. As anotações transcorreram e versaram, além de reflexões da impressão da coleta de dados, tudo que despertava interesse do campo estudado.

ROTEIRO PARA COLETA DE INFORMAÇÕES DO PRONTUÁRIO

A análise dos prontuários procedeu por meio de um roteiro elaborado pela pesquisadora e seu orientador, no qual foi investigado: nome, idade, procedência, demanda espontânea ou encaminhada, motivo e tempo de internamento, referência

familiar, moradia anterior, ocupação profissional, saúde do idoso, benefícios, relação familiar, situações de violência e violações de direito do idoso.

ENTREVISTA

Conhecida como a estratégia mais usada no trabalho de campo a entrevista é tecida por vários interlocutores e realizada por iniciativa do entrevistador, tendo por objetivo a construção de informações pertinentes para um objeto de pesquisa. É por meio da entrevista que as pesquisas aproximam-se das histórias de vida. Do mesmo modo, é uma forma privilegiada de interação social, que está sujeita a mesma dinâmica das relações existente na própria sociedade (MINAYO; GOMES, 2012).

O modelo utilizado foi da entrevista semiestruturada com guia de perguntas em sequência, tomando cuidado para não ser repetitiva e não questionar somente para seguir o roteiro. Do mesmo modo, requer um exame geral daquilo que já foi dito e de sua relevância para a questão do estudo. Um cuidado maior é quanto a rigidez do entrevistador, essa atitude pode interromper os relatos do entrevistado no momento errado a fim de passar para questão seguinte, em vez de seguir o tópico para uma maior profundidade. Portanto, a vantagem de uma entrevista semiestruturada está relacionada a combinação de perguntas fechadas e abertas que permitem ponderar sobre o tema sem se prender a investigação formulada (FLICK, 2004).

2.5 Procedimento

Paralelamente ao levantamento da literatura, que segundo Flick (2013) tem o intuito de analisar documentos selecionados pelo pesquisador por meio de uma triagem de banco de dados, foi construído projeto de pesquisa intitulado, “O idoso nas instituições de longa permanência: estudo de casos múltiplos”. Verificou-se a necessidade de cadastrá-lo na Plataforma Brasil conforme apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa com seres Humanos com base na resolução nº 466/12/12 do Conselho Nacional de Saúde, juntamente com autorização da Secretaria Social do Estado do Pará, para a realização da pesquisa na Unidade de Apoio às Pessoas Idosas Lar da Providência, conforme parecer consubstanciado do CEP n. 284.584 de 28/05/2013.

Posteriormente recebimento de parecer favorável para realização da pesquisa, encaminha-se a instituição para prosseguimento da investigação. Na UAPILP foram selecionados quatro idosos com maior tempo de permanência na instituição e que se caracterizam não serem dependentes. Assim, o estudo se constituiu nesses participantes

entendidos como uma multiplicidade de determinações da realidade histórica de uma instituição de longa permanência, do mesmo modo, a oportunidade de um recorte institucional, avançar na compreensão do idoso inserido neste contexto.

Após a escolha foi realizado um primeiro contato com os participantes deste estudo, quando lido o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE, ver anexo), explicitando as garantias para a privacidade e preservação do seu nome, as etapas de realização, os objetivos, as formas de realização, o tempo e os lugares disponíveis para as entrevistas. Os escolhidos aceitaram participar do estudo em questão, que aconteceu na instituição em lugar adequado para entrevista. Por questões éticas, decidiu-se substituir os nomes próprios que ocorreram no relato. Isto porque, conforme assinado previamente no TCLE o informante concordou em fornecer informações sobre sua vida particular, contanto que não fosse divulgada nenhuma informação que possa ser constrangedora de alguma forma para si, para amigos ou que possa ser descoberta por alguém próximo, que não tenha participado da entrevista.

A entrevista iniciou com a coleta de dados pessoais do entrevistado (nome, gênero, idade, profissão, escolaridade e regime de internamento). A seguir, foram feitas perguntas em que se buscou saber do entrevistado: Como o senhor (a) descreveria sua chegada aqui? Fale sobre suas rotinas ? Recebe visitas ? Foram gravadas em forma de áudio, por um iPod no espaço da instituição, em uma sala disponível previamente. A duração ocilou entre trinta e quarenta minutos. Os idosos foram consultados sobre a gravação de suas falas e manifestaram concordância.

2.6 Análise de dados da entrevista

Instituiu-se como fonte de produção de dados da entrevista semiestruturada a técnica de análise de conteúdo, do tipo temático categorial, a qual definida por Bardin (1977, p. 09) como: “[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações [...] que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”. Neste sentido, tem como objetivo levantar categorias emergidas das falas e significações dos sujeitos acerca da constituição da pessoa idosa.

Neste sentido, Franco (2003) pontua a análise de conteúdo como uma prática de pesquisa que se estabelece em um delineamento mais amplo da teoria da comunicação e tem como ponto de partida a mensagem. Com base na mensagem, que responde às perguntas: o que se fala? O que se escreve? Com que intensidade? Que tipo de símbolos

figurativos são utilizados para expressar ideais ? E os silêncios? E assim por diante. A análise de conteúdo permite ao pesquisador fazer inferências sobre qualquer um dos elementos da comunicação.

A preanálise das informações coletadas foi iniciada com uma leitura flutuante das entrevistas, e consistiu em uma leitura detalhada para selecionar o material coletado. Nesta leitura foram desconsideradas as falas ininteligíveis, como as verbalizações que não foram integralmente captadas pela gravação, ou que foram interrompidas sem que houvesse informações suficientes para apreender seu significado, e os dizeres que não revelavam nada a respeito do tema em pauta.

Esse material constitui o corpus e corresponde ao material coletado das entrevistas após processo de transformação das informações referentes às falas de cada participante entrevistado. Em seguida, inicia-se o processo de decodificação do material coletado seleciona-se como unidades de registro a frase significativa com o objetivo de compreender de que modo se dá a percepção do idoso não dependente residente nas ILP. Assim, as frases significativas eram selecionadas de cada parágrafo. Procedeu-se, deste modo, um recorte temático, constituindo-se dois agrupamentos buscando respeitar ao máximo o conteúdo e o sentido das falas, privilegiando no primeiro agrupamento o sentido semântico das unidades de registro (frases), até que a classificação pudesse apontar uma adequada aproximação semântica, ou pelo elo do sentido da frase.

O segundo agrupamento tinha como critério reunir palavras-chave oriundas do primeiro agrupamento. Dessa dinâmica emergiram as categorias empíricas como aponta o quadro abaixo, as quais foram classificadas em categoria molar ou global e a categoria molecular relacionada à categoria molar.

Quadro 1- Categorias de análise de dados

CATEGORIA MOLAR	CATEGORIA MOLECULAR
1. SER IDOSO	Independência e dependência As impossibilidades do fazer Viver com pouco dinheiro da aposentadoria Relações sociais como sobrevivência Saúde de velho
2. ESTAR NA INSTITUIÇÃO	Saída de casa Alojamento privativo e coletivo O que tem lá não tem aqui
3. REFERÊNCIA DE FAMÍLIA	Família que não faz papel de família Ficar sem família

Fonte: Elaboração própria

2.7 As Categorias molares e moleculares

Ao realizar o levantamento a primeira categoria molar foi **Ser Idoso**. É importante frisar que esta categoria é concernente ao processo histórico do desenvolvimento da pessoa de idade avançada e traz como categorias moleculares algo recorrente a esse processo para compreender o seu momento vivido, são descritas como: **as impossibilidades do fazer; viver com pouco dinheiro da aposentadoria; relações sociais como sobrevivência e saúde de velho.**

Desta forma, permite-se repensar acerca do panorama percebido por este idoso situado em uma ILP a relação de independência e dependência e concomitantemente a autonomia e a busca pela segurança, que caminham paradoxalmente. O suporte social das amigadas muitas vezes exerce o papel da família, necessário ao idoso. Na saúde de velho como nomeado pelos entrevistados, a frequência de uma dor suportável e a consciência de que faz parte do cotidiano do envelhecimento. A renda econômica à medida que se aposenta, as gratificações, que são excluídas pela inatividade, da mesma forma, a impossibilidade do não fazer, de não sentir-se mais ativo para realizar as atividades, as quais, anteriormente recebiam até elogios pelo labor realizado. Isso tudo faz parte do Ser Idoso.

É fato que no caso específico do “ser idoso”, uma nova realidade se aproxima, a qual relacionada ao viver mais, que vai de encontro a um cotidiano que se expressa de

modo singular de cada um, portanto um olhar e uma escuta mais apurada deve ser dirigida ao idoso.

A segunda categoria molar **Estar na Instituição**, na maior parte das vezes especifica o sentido e significado de como um sujeito individualmente sente a realidade em que vive, aqui especificamente o idoso. A nova experiência vivida constitui novas condições de expressão do real, geram novos sentidos, novas formas de agir, pensar e sentir o ambiente novo. E apresenta como categorias moleculares: **saída de casa; alojamento privativo e coletivo; o que tem lá não tem aqui.**

Para Michel et al (2012), as ILP ainda representam um lugar de isolamento, abandono e perda da identidade, por outro lado apresentam um espaço de acesso ao cuidado, ao apoio social e a segurança. Por conseguinte, a saída de casa e suas repercussões no idoso. O alojamento privativo e o coletivo definem a organização sócia econômica do idoso, o alojamento privativo cabe aos pensionistas quando a instituição era particular e atualmente é coletiva por ser amparada financeiramente pelo Estado. O que tem lá não tem aqui, as ruas com idosos abandonados e maltratados, na instituição compartilhamento de experiências semelhantes.

A terceira categoria molar é **Referência de família** e como categorias moleculares: **família que não faz papel de família e ficar sem família.** Perini, Leite e Furini (2007) assinalam que os significados, os valores e as crenças são desenvolvidos em cada família e compartilhados de geração em geração. Neste sentido, família que não faz papel de família é representada quando o idoso percebe sentir-se mais protegido por um amigo do que pela própria família nuclear. Assim como, ficar sem família é simbolizado em sonhos. Araújo (2012) pontua a família como principal provedor de afeto e segurança e em contrapartida o principal ator de violência contra o idoso. Desta forma, ha necessidade da reflexão do grupo familiar como principal formador do homem enquanto construtor social, no que concerne surgimento dos afetos e consequentemente o estabelecimento dos vínculos.

3 PARTICIPANTES

Trata-se de quatro residentes da ILP, 02 do sexo feminino e 02 do sexo masculino. A seleção partiu de um grupo indicado pela instituição com critério de não dependência, e um maior tempo de permanência na instituição, contudo foi observado que somente um dos participantes correspondia ao perfil da pesquisa. Assim, foi necessária uma nova seleção a qual foi realizada por prontuários, gentilmente cedidos pela assistente social da instituição, quando executada outra escolha dos idosos, conforme os dois requisitos acima descritos nesta investigação.

AMANDA

Natural do Pará, 78 anos, ensino fundamental incompleto, pensionista, solteira, aos 15 anos alfabetizou crianças que habitavam próximo. Foi comerciária em Bragança, localidade onde nasceu, acompanhou sua mãe a qual se estabeleceu em Belém do Pará, realizou suas atividades laborativas em uma loja de artigos esportivos e aposentou-se.

Em Belém, morava com sua genitora e o sobrinho. Este se casou e sua genitora faleceu, buscou espontaneamente a Unidade de Apoio às Pessoas Idosas Lar da Providência (UAPILP), em razão de não querer ficar morando com o sobrinho, dado que não conseguir interagir adequadamente com a esposa do mesmo; além deste motivo, teria que gerenciar sozinha sua residência, como organizar reforma de imóvel. Outro motivo importante está relacionado à solidão que vivenciava, em particular à noite. Planejou reformar sua casa para alugar uma parte, porém desistiu da ideia. Por um tempo até alugou a casa, mas no final decidiu vendê-la.

Usava medicação especial de liberação controlada por diagnóstico de insônia, entretanto por orientação médica, o supervisor dos alunos de medicina do CESUPA, trocou o fármaco por um fitoterápico. Iniciou caminhadas, uma vez que não realizava atividades físicas, apesar de sempre participar de todas as atividades oferecidas pela ILP.

Relata que gosta da instituição, mas com o passar do tempo a gestão foi alterada, pois com a chegada dos tutelados, o ambiente foi modificado consideravelmente. Os novos residentes, com o novo regime administrativo, passaram a dividir os quartos, todavia os pensionistas permanecem como estão em acomodações individuais.

Amanda tem uma vida social significativa. Visita os amigos e é visitada com frequência. Buscou a instituição para morar, e sair definitivamente do convívio com essa família. Concorda que viver assim é muito melhor. Fora a esse episódio tem bom

relacionamento interpessoal com as pessoas em seu redor. Participa de todas as atividades oferecidas pela instituição, contudo não tem desejo de festejar seu aniversário.

ANARA

Natural do Pará, 78 anos, viúva, ensino fundamental incompleto, pensionista, buscou a instituição por opção de sossego e segurança. Morava com os sobrinhos, entretanto havia muitos conflitos entre os mesmos, principalmente na questão de herança da casa em que moravam. Na época estava próxima da aposentadoria e deste modo iria ficar, mas tempo na residência, a dinâmica familiar sustentava-se neste conflito, poderia morar só em outro lugar. No entanto, relata que temia por sua segurança, as notícias que percorriam a mídia lhe assustavam. Em muitos momentos assistia notícias de que alguém fora encontrado morto no bairro em que residia, assim decidiu residir na UAPILP.

Desde os 15 anos, executou atividades laborativas. Começou como babá, depois como empregada doméstica, o que reflete que neste período conviveu mas com a família a qual servia, de tal forma que os laços de afeto até hoje são preservados com filho dos seus patrões, que o considera como fazendo parte de sua verdadeira família. Sempre foi orientada por este. Realizou concurso público para prefeitura de Belém, atualmente está aposentada. Casou-se e teve um filho, porém tanto o marido quanto o filho morreram, assim como, seus irmãos e alguns dos ex-patrões com quem conviveu.

Encontra na Unidade segurança, sossego e carinho, porém estranha à organização atual frente à demanda de “tutelados” e “pensionistas”. Revela que anteriormente a limpeza era melhor, atualmente em determinados locais sente odor de urina humana. Participa de todas as atividades oferecidas, irá realizar cirurgia de catarata e uma das residentes lhe acompanhará, além do seu amigo (filho do seu ex-patrão).

JOSIAS

Natural do Acre, 94 anos, solteiro, analfabeto, aposentado e tutelado pelo Estado, tem uma anomalia nos pés que é caracterizada por um defeito físico nos pés. Estes são “virados” para dentro (anteversão femoral). Foi morar no Ceará quando criança seu pai tinha uma vacaria, que lhes assegurava o sustento. Aos 16 anos veio residir em Inhangapi, município do Pará. Sempre colaborou nos afazeres com o pai,

além de realizar trabalho braçal². Em 1940, no “tempo da Guerra”, veio para Belém do Pará, onde aprendeu vários ofícios dentre eles o de sapateiro.

Andou descalço por um bom tempo, calçou sapatos aos 20 anos de idade o que nunca foi obstáculo para realização de suas rotinas. Conhece toda a cidade de Belém, gosta muito de circular pela cidade. Tem amigos e uma sobrinha, procurou espontaneamente o asilo D. Macedo Costa, como já estava naquela época se desativando foi encaminhado para a UAPILP. O objetivo de sua procura foi decorrente de separação conjugal.

Relatou que tem muitas saudades de sua mãe, sempre sonha com sua genitora. A mesma lhe educou muito independente, realiza todas as rotinas domésticas, fala do respeito que se deve ter com o idoso, pensa que os filhos devem cuidar dos seus pais, assim como fez com sua mãe e não deixa-los em uma instituição e abandoná-los.

Não faz uso do álcool e nem do tabaco, adota fitoterápicos, tem problemas de coluna, mas tem resistência em usar medicação, assim como, aceitar óculos para melhorar a visão.

Desligou-se da UAPILP em 2010, para morar com companheira, entretanto foi abandonado pela mesma, encontrado em situação de risco e desta forma retorna a instituição em 2011, onde esta atualmente.

JOÃO

Natural do Pará, 66 anos, solteiro, ensino fundamental incompleto, aposentado e tutelado pelo Estado. Estudava e ajudava o pai na pesca e posteriormente aprendeu o ofício da carpintaria. Trabalhou na edificação do residencial Costa e Silva, além de realizar carroto em vários lugares como Tailândia, Breves e Marajó.

Fixou residência em Belém do Pará e dividia as despesas com dois amigos, entretanto após o falecimento do dono da casa, o filho do mesmo tomou posse e desde então iniciou tráfico de drogas. Neste período a polícia entrevistou e João não foi encarcerado por ser conhecido do sargento, por ter executado serviço de carpintaria para o policial. Em consequência foi morar na feira, ficou alcoólatra, e circulava no local. Ajudava os feirantes e recebia dinheiro e com isso comprava alimentos e álcool. Um dos feirantes acionou o Abrigo Socorro Gabriel, pois se encontrava debilitado, sem higiene, dormia em caixotes de madeira. Deste abrigo foi transferido para a UAPILP.

²Trabalho que o corpo é utilizado para realizar determinada tarefa por meio de esforço físico.

Teve uma filha que veio a falecer e tem uma neta de 30 anos que ainda não conseguiu localizar. Fez tratamento para deixar o tabaco e faz uso de medicação e com isso deixou de beber, porém ainda continua a fumar. Possui um casal de amigos com quem sempre costuma fazer passeios. Tem projeto de deixar a instituição para voltar para sua cidade natal, denominado Caldeirão, uma vila localizada em Salvaterra na ilha do Marajó.

Quadro 2- Perfil do idoso estudado

Nome	Idade	Escolaridade	Renda Econômica	Estado Civil	Regime da ILP	Origem	Estadia na ILP
Amanda	78	Ensino Fundamental	R\$ 1.356,00	Solteira	Pensionista	Bragança/Pará	13 anos
Anara	78	Ensino Fundamental	R\$ 1.356,00	Viúva	Pensionista	Belém/Pará	14 anos
Josias	91	Analfabeto	R\$ 678,00	Solteiro	Tutelado	Rio Branco/Acre	12 anos
João	66	Ensino Fundamental	R\$ 678,00	Solteiro	Tutelado	Soure/Pará	09 anos

Fonte: Elaboração própria

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Ser idoso

Nas últimas décadas do século passado e início deste terceiro milênio, nas ciências de modo geral, o debate sobre o particular, o indivíduo e a sociedade, tem provocado instigantes estudos e discussões. A questão do “ser idoso” também, a sua maneira, participa dessa reflexão. Neri (1995) enfatiza que por um tempo o adulto parecia não estar em desenvolvimento e, em geral, não era focalizado no conjunto de fatores complexos dos sujeitos após a adolescência, ou seja, o idoso não se desenvolvia. Assim, o processo de transformações pelas quais passam as pessoas idosas ao longo da vida humana, era uma área pouco discutida, que não se constituía como um campo de estudo.

Sabe-se que as transformações são demarcadas no desenvolvimento humano por rupturas, progressões e regressões, descontinuidades, porque estão articulados, e compreendidos, pelo menos três fatores, segundo Palácios (2004, p.09).

[...] 1) a etapa da vida em que a pessoa se encontra; 2) as circunstâncias culturais, históricas e sociais nas quais sua existência transcorre e 3) experiências particulares privadas de cada um e não generalizáveis a outras pessoas. Enquanto o primeiro destes fatores introduz uma certa homogeneidade entre todos os seres humanos que se encontrem em uma determinada etapa (por exemplo, os adolescentes), o segundo introduz uma certa homogeneidade entre aqueles que tem em comum o fato de viver em uma mesma cultura, no momento histórico e dentro de determinado grupo social (cultura ocidental, década de noventa, classe média, por exemplo), e o terceiro dos fatores introduz fatores idiossincráticos que fazem que o desenvolvimento psicológico, apesar de apresentar semelhanças de umas pessoas a outras, seja um fenômeno irrepitível que não ocorre da mesma maneira em dois indivíduos diferentes.

O desenvolvimento humano não está apenas na idade cronológica, na maturação orgânica dos corpos que nascem, crescem e morrem, mas na constituição do ser, em que por meio de uma referência historicizada e idiossincrática, compreende uma psicologia do sujeito construída pelos ciclos de desenvolvimento da vida que explicam os processos da evolução humana sem as armadilhas do determinismo. A referência é o singular “experiências particulares, privadas” (Ibidem, 2004), do idoso que caracteriza o seu modo de viver e a sua subjetividade. São múltiplos os olhares possíveis na tentativa de explicar o “ser idoso” e a Psicologia é apenas um deles.

Neste contexto, retorna-se aos anos 50 em que a psicologia se interessa em estudar a vida adulta, à partir da interação das disciplinas Psicologia do

Desenvolvimento e do Envelhecimento e a Gerontologia, na busca de um conhecimento aprofundado do envelhecimento. Contudo, conciliar os conceitos de desenvolvimento e envelhecimento torna-se um dos maiores desafios para psicologia do envelhecimento. Para resolução desta diferença encontra-se *life-span* ou curso de vida, corrente teórica que entende a velhice sob um aspecto de desenvolvimento que leva em conta também as variáveis que podem influenciá-lo (NERI, 1995). Assim, a psicologia do envelhecimento investiga “alterações comportamentais que acompanham o gradual declínio na funcionalidade de vários domínios do comportamento psicológico nos anos mais avançados da vida adulta”. (Ibidem, 1995, p.13). Mudanças como estas no campo da Psicologia se somaram a outras concepções sobre o idoso, devido a outras descobertas de outras ciências afins.

Neste cenário, a partir das últimas décadas do século XX especialmente nos anos de 1970, a população idosa cresceu sensivelmente no Brasil, o que levou a intensificação por uma dinâmica à favor do longo. Anteriormente, era concebido a população idosa protegido pela caridade das famílias abastadas e recolhido em asilos; posteriormente a partir da eliminação de qualquer princípio de caráter religioso, as instituições se tornaram especializadas e o idoso passou a ter um cuidado mais particularizado e não mais assistencialista (GROISMAN, 1999). Desta forma, ao considerar a vida edificada nas relações sociais, a imagem do ser idoso encontra-se cada vez mais associada a maior expectativa de vida, o que corrobora na desmistificação de preconceitos e na alteração de padrões culturais (BENTES; PEDROSO; MACIEL, 2012).

Contudo, somente em 03/06/1996, com a criação da Política Nacional do Idoso, instituída pela Lei 8.842/94, se reconhece estas pessoas como cidadãs com direitos e deveres, em desenvolvimento, capaz de cuidar-se e se conduzir (BORGES, 2006). Além disso, o “Estatuto do Idoso” e seus desdobramentos políticos e sociais, segundo Dias et al (2011), vêm fortalecer a inserção do idoso no contexto social. O mesmo passa a contar, com benefícios como seu atrelamento ao núcleo familiar e o estímulo à participação social, conforme descrito no art. 3º em que é obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público de assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

Faleiros (2008) pontua que o envelhecimento passou a ser reconhecido como uma etapa do desenvolvimento circunscrita às novas possibilidades de conquistas psicológicas, sociais e culturais que ocorrem ao longo da vida, o que configura novas aquisições sociais para o “ser idoso” no que concerne a proteção social e ao cuidado da saúde a este segmento da população. Este mesmo autor cita o Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento, que foi resultado de discussões em 2002 em Madri que destaca o aumento da expectativa de vida como uma grande conquista. A lei assegura condições de direitos, lazer e a outros produtos utilizados pela terceira idade.

Nessa perspectiva, Debert (2012) assinala que a sociedade tornou-se mais sensível aos problemas de envelhecimento a partir da dimensão dada ao idoso, ou seja, alguém com idade avançada, ativo e com maior expectativa de vida demonstrado no seu modo de agir, de pensar de dizer, o que evidencia uma especificidade que tem permitido um novo olhar a pessoa idosa. Por outro lado, à proporção que o evento idoso se torna visível, abre-se uma lacuna para situações de abandono e dependência, questões que passam à coexistir na vida dessa pessoa como consequências da não aderência a atividades motivadoras para seu melhor envelhecimento.

Mas o que seria o “ser idoso” nas instituições de longa permanência? Os casos em estudo revelam um idoso ativo que está participando das atividades oferecidas pela instituição (anotações do diário de campo), em busca de algo estruturado que não lhe traga muito trabalho, como na fala de Amanda (entrevista): “Gosto de tudo organizado, sempre fui assim, posso sair por vários dias seguidos”. É um idoso que se adequa as rotinas da instituição desde que estejam de acordo com seu querer, como verbalizado na fala de Josias (entrevista): “Antes aqui era horrível a comida, Oh! meu Deus do Céu , tinha dias então, a janta era só sopa, [...] Todo mundo reclamou, agora tã melhor”. Desta forma, a imagem do idoso em frequente sofrimento na espera da finitude se desfaz à medida que se potencializa uma velhice com mecanismos multideterminados e mediadores no processo da senescência.

Entretanto é necessário entender que as perdas são inevitáveis, desencadeando desafios adaptativos para o idoso (MAIA; FERREIRA, 2009). Assim, o ciclo do envelhecimento permeia pela dinâmica de valores particulares, a qual também inclui as circunstâncias próximas da morte (TEIXEIRA; NERI, 2008). Ademais, o surgimento das alterações anatômicas, fisiológicas e psicossociais ocorridas com o indivíduo desencadeia transformações que poderão ser aceitas ou não por estes, deste modo privilegiar um bom envelhecimento requer equilíbrio entre as limitações e as potencialidades do indivíduo (MENEZES; LOPES; AZEVEDO, 2009).

Neste panorama, encontra-se a idade como uma marca identitária, em que todas as ações das pessoas estão diretamente atreladas a este tempo biológico. Na verdade a constituição do ser humano seja na infância ou na velhice é uma multiplicidade de conquistas ao longo da vida de cada um, a partir de uma construção histórica, social e cultural, ou seja, na complexidade da composição do sujeito. Há momentos em que se assume o papel de idoso e em outros de criança, independente da idade cronológica (LUCA, 2006).

Outro ponto interessante a destacar sobre o “Ser Idoso”, trata-se do hábito da sociedade de comparar o longevo à debilidade de memória. Neste contexto, Zarit e Zarit (2010) apontam que a demência pode ter como sintoma o enfraquecimento da memória, assim a preocupação quanto ao esquecimento, torna-se compreensivo ao ser repetitivo no cotidiano. Contudo, não é somente e nem sempre o longevo que sofre especificamente de demência ou outros transtornos que comprometam o funcionamento cognitivo. Ressalta-se que o fenômeno do esquecimento quando em pessoas mais jovens, é desconsiderado naquele momento. O cuidado sobre o fato é destacado apenas em idade avançada, ou seja, o comprometimento da memória só é reconhecido quando idoso.

Nas narrativas descritas pelos idosos pesquisados ocorrem descrições de uma vida rica em fatos históricos como relatado na fala de Josias na entrevista: “Vim pra cá em 1940, no tempo da guerra. Tudo difícil vim buscar uma profissão não sabia nada”. Destaca-se nesta fala a vivência ocorrida em um momento histórico de grande repercussão como a II Guerra Mundial, que comprova uma memória, conservada em fatos que ocorreram no passado e hoje resgatados pelo idoso. Taussik e Wagner (2006) apontam um considerado aumento do número de indivíduos que envelhecem não somente de forma ativa, mas também criativa, isto se deve a forma como os efeitos do envelhecimento modulam a memória, que permite um desenvolvimento de procedimentos de compensação que favorecem o desempenho eficiente na memória do idoso. O que significa repensar sobre um ser idoso capaz de construir sua própria história e não ao contrário.

É fato que o envelhecimento bem sucedido não significa ausência de doença³, porém relacionar a pessoa com mais tempo de vida ao sentido negativo é levá-la a uma caminhada repleta de insegurança. Neri (2006) ressalta que divulgar sobre um ser que, dentro de suas limitações, apresenta uma boa velhice e uma real possibilidade de fazer parte do contexto social, permite uma compreensão diante da singularidade de ser idoso. Pois, exemplos de envelhecimentos bem sucedidos estão habitualmente no cotidiano, apesar de testemunhar pensamentos configurados em alguém decrépito na constante espera da morte (FALCÃO; CARVALHO, 2010). Portanto, é necessário ter-se em mente que o envelhecimento é uma etapa do desenvolvimento humano tão importante quanto às demais.

Neste percurso, volta-se ao idoso residente em Instituições de Longa Permanência, um lugar, até bem pouco tempo, tecido por resquícios assistencialistas (TOMASINI; ALVES, 2007; FALEIROS; MORANO, 2009). Frente a este cenário, encontram-se os idosos pesquisados, com suas histórias de vida as quais expõem motivações que levaram a um lugar edificado por imagens de exclusão e solidão e, do mesmo modo, segurança e proteção.

Percebe-se uma autonomia representada por modos de enfrentar sejam dificuldades ou adaptações de sua nova moradia (anotações do diário de campo). Destacam carinho e cuidado não encontrados fora da instituição. Em dado momento queixam-se das regras estabelecidas na ILP, porém, confiam neste lugar como moradia, mesmo que em alguns momentos possa encenar desconforto. A procura pelo amparo é presente em toda entrevista, há temor da solidão. Josias quando se desligou da instituição almoçava todos os domingos na UAPILP (anotações do prontuário, 2013). À medida que se envelhece o idoso torna-se mais frágil e, neste sentido, busca conforto, carinho, sossego e segurança. Contudo, isto não o incapacita de viver um envelhecimento bem sucedido nas ILP.

4.1.1 Independência e dependência

A realidade vivida pelos idosos na ILP sugere sentidos pessoais, mesmo que muitas vezes não muito elaborados ou expressos, mas que constituem possibilidades de formas de viver a realidade, seja com independência ou dependência. Para Neri (2008b) a independência é a capacidade de o idoso gerenciar suas atividades de vida diária e autocuidado sem precisar de ajuda. Acrescenta que a independência não é qualidade necessária para autonomia, embora frequente em pessoas decididas. Além disso, Gomes

³Fala da Profa. Dra. Hilma Koury no XXXIV Congresso Interamericano de Psicologia – 15 a 19.07.13

e Diogo (2009) alertam que o sedentarismo e a redução da atividade física comprometem a funcionalidade do idoso uma vez que promovem uma maior debilidade e fadiga da musculatura, neste sentido, estar em movimento proporciona além de independência, uma vida saudável.

Neste trilhar do ser idoso observou-se também que a independência esta atrelada ao ritmo de cada um. Como observado e registrado nas entrevistas, Josias antes da entrevista estava saboreando uma manga, enquanto João molhava plantas, Anara parecia tensa com os preparativos da cirurgia, já Amanda preparava seu quarto. Cada um a seu modo tem sua rotina independente do que é estabelecido na ILP e do regime de internação. Deste modo, constata-se ampla independência no que concerne a realização de atividades de vida diária (AVD), conforme as narrativas das entrevistas realizadas com os idosos aqui estudados.

Faço tudo sozinho, lavo minha roupa, sou do trabalho [...] quero sair sozinho, mas não deixam mais. (Josias)

Molho planta, limpo quarto, vejo televisão. (João)

Bom faço tudo, vou ao médico sozinha, cozinho meu mingau, servem as 18 h prefiro comer mais tarde. (Amanda)

Temos umas aulas aqui, desenho, pintura. Hoje eu estou me arrumando para cirurgia [...] eu não fico só. (Anara)

Observa-se que o idoso na ILP, não se encontra como um ser passivo sem consciência do seu querer, além disso, apresenta poder decisório, como demonstrado por Josias, quando lamentou a proibição da instituição de sair desacompanhado, ao mesmo tempo em que consegue realizar todas suas atividades adequadamente. Apesar de a ILP evidenciar cuidado nesta ação, o idoso questiona a forma como esta sendo conduzida esta cautela, especialmente por não ter desejo de torna-se dependente. Do mesmo modo, encontra-se Anara envolta com os preparativos da cirurgia de catarata, em que se depara com experiências vividas, às conquistas realizadas, que a leva a motivar-se com novas maneiras de viver a situação.

Nota-se também a importância do estar em movimento. Em dado momento os idosos estavam ensaiando uma peça de teatro e todos participavam, até mesmo os com alguma deficiência (locomoção, visão), todos muito atentos ao comando da terapeuta

ocupacional e de seus assistentes (anotações do diário de campo), contrapondo a configuração do envelhecimento do século XIX, às imagens de idosos sentados, apáticos na espera da finitude (GROISMAN, 1999).

Baltes e Silverberg (1995) pontuam que as mudanças na autonomia estão diretamente relacionadas à forma como se conduz o equilíbrio entre dependência e autonomia, ou seja, a segurança favorecida por um ambiente acolhedor, assim como, a autonomia concedida por um meio estimulador, ambas necessárias ao bem estar do idoso. Assim, a segurança e a autonomia segundo estes mesmos autores, oportunizadas pelo meio em que vivem, na maioria das vezes, é determinada pela competência e pelos recursos da pessoa, mesmo a autonomia sendo desafiada pelas limitações físicas, sociais, psicológicas e econômicas, impostas por um corpo fragilizado e conseqüentemente fatigado.

Analisa-se um entrelaçamento entre independência e movimento como forma do idoso expressar sua autonomia. Anara, por exemplo, quando se reporta as atividades que costuma realizar como desenho e pintura, reflete que há uma interação com o outro, “eu não fico só”, ao mesmo tempo em que busca fazer algo. Neste sentido, reporta-se a Engler (2011) quando assinala a importância da interdependência em que todo ser humano é dependente do outro para alguma coisa. De fato, o ser humano não se constrói sozinho ele necessita do outro para vivenciar seus objetivos, desejos e intenções.

4.1.2 As Impossibilidades do fazer

A atividade ou o fazer humano é primordial na vida do idoso, mesmo que fatos negativos possam interferir no processo de envelhecimento. A continuação no incentivo em planos para o futuro, a participação nas relações sociais, permite ao longo conhecer-se, conhecer o outro, o mundo, o espaço, o tempo em que vive e sua cultura. Corroborar na construção de uma vida cotidiana com qualidade (XIMENES; CÔRTE, 2007). Desta forma, o fazer está presente ao longo do desenvolvimento de todo ser humano e, por consequência, se apresenta como um aspecto significativamente relevante na construção da identidade do indivíduo. Parte-se, então, do pressuposto de que o envolvimento humano com o trabalho, por exemplo, está além da ocupação para ganhar dinheiro como fonte de renda e subsistência. O trabalho assim entendido não consiste em cumprir e executar uma tarefa, mas dá sentido ao que faz (SOUZA; MATIAS; BRÊDAS, 2010).

Veja-se, por exemplo, os dados pesquisados dos idosos masculinos sujeitos deste estudo. Eles relatam que desde crianças convivem com o labor, pouco valor ou nenhum

era dado para instrução escolar, como verbalizado por Josias na entrevista: “Não tenho estudo, só profissão”, o mesmo tinha o pai letrado que por várias vezes tentou passar para os filhos e a esposa o dom da leitura, porém a necessidade do trabalho era emergente. A questão da passagem desse homem pela vida, como bem diz os dados coletados está na subjetividade construída com o trabalho, ou seja, o labor rotineiro em que exercia suas especialidades. Neste sentido, as impossibilidades do fazer gera sentimento de inutilidade. Conforme anotações do diário de campo, mesmo realizando todas as atividades que lhes era possível executar, percebe-se que os homens investigados, necessitavam por meio do instrumento do trabalho para sentirem-se úteis. Como demonstrado nos depoimentos a seguir:

Eu sou uma pessoa bem de saúde, não era pra estar aqui, porque eu acho triste poderia estar trabalhando. (João)

Eu queria plantar macaxeira, mas disseram que não pode, eu não mando nada o terreno não é meu. (Josias)

Conforme dados das entrevistas acima verbalizadas, acura-se que por um bom tempo as atividades laborais foram grandes companheiras de João, sujeito aqui estudado, que sempre era solicitado por ser um bom profissional, de tal forma que foi requisitado para cumprir seu ofício como carpinteiro na execução de uma moldura de quadro em um abrigo para idosos antes de ser conduzido para UAPILP. Neste mesmo seguimento, Josias, sujeito aqui pesquisado, com intuito de plantar macaxeira, o qual é vetado, se contextualiza na impossibilidade de o fazer, o que gera desprazer e consequentemente a depressão.

Um dos fatores desencadeantes da depressão masculina se dá pela perda de *status* no trabalho. Tem-se a percepção da carência de um lugar social propiciado pela profissão, em que uma residência ou instituição de longa permanência não substitui (SILVA et al, 2010; MINAYO; MENEGHEL; CAVALCANTE, 2012). Além disso, Gonzáles e Seidl (2011) em seus estudos, afirmam ressentimento de homens idosos, com menores salários e baixa escolaridade, por não produzirem como anteriormente no trabalho, por limitações físicas e, consequentemente, diminuição na capacidade para a labuta. Em relação a João e Josias, sujeitos aqui pesquisados, percebe-se um viver como uma desocupação laboral. Neste sentido, é necessária uma atenção maior aos homens aqui estudados, uma vez que o cotidiano destes idosos foi construído na labuta e, no momento em que estão institucionalizados, encontram-se na impossibilidade de o fazer.

As mulheres idosas organizam suas vidas sem necessariamente sentirem falta do trabalho (conforme contado nas suas entrevistas). Trata-se de compreender a experiência subjetiva dessas mulheres, uma vez que, ambas trabalharam desde a adolescência, segundo os relatos das mesmas.

Terminei a 5ª série com 14 anos, fui alfabetizar as crianças que moravam perto de casa e dei aula de reforço, pra ganhar uns trocados. (Amanda)

Basta lhe dizer que eu não tinha uma noção, com 15 anos fui ser babá, [...] fui praticamente criada por esta família trabalhei lá uns 19 anos. (Anara)

As impossibilidades do fazer são significadas de outra forma pelas mulheres pesquisadas. O labor, por exemplo, permaneceu em suas vidas por um bom tempo, e na atualidade em que passaram a residir em uma instituição para idosos, disponibilizam de outros recursos que não a responsabilidade do trabalho remunerado, pois sempre desejaram ter sua independência econômica. Debert (2012) pontua que o envelhecimento para as mulheres constitui uma passagem de um mundo totalmente regrado para outro que as conduz a criação de suas próprias regras. Acreditam que os antigos modelos de envelhecimento não se produzem mais na atualidade, dado que a liberdade e a independência são possíveis de serem vivenciados.

Neste sentido, reporta-se a Anara e Amanda, sujeitos aqui pesquisados, as quais realizavam dupla jornada, além do trabalho propriamente dito, em que havia os afazeres domésticos. Agora fica um tempo maior para cuidar de si, uma vez que possibilita estabelecer o cotidiano com base em outras metas que preencha suas vidas. Rocha-Coutinho (2009) enfatiza que tanto homens como mulheres, em níveis distintos de consciência, ainda hoje, internalizam papéis femininos e masculinos, respectivamente, no cuidar de filhos e da casa, e a responsabilidade pelo provimento financeiro da família. Neste sentido, pode-se inferir que as mulheres quando se veem destituídas de seus encargos domésticos, diga-se assim, gerencia-se uma tranquilidade ímpar, uma vez que sem a obrigação para com outro, há maior liberdade. O que parece ocorrer ao contrário para o homem idoso. Assim, as impossibilidades do fazer, para as mulheres idosas, é ressignificado para um fazer ocupado por outras atividades que não somente o trabalho.

4.1.3 Viver com pouco dinheiro da aposentadoria

Khoury et al (2010) apontam em seu estudo que o trabalho está relacionado a algo mais que obrigações materiais, mas principalmente, por necessidades psicológicas e sociais. No momento da pausa preferem continuar ou voltar ao trabalho. Esta autora enfatiza que fatores psicossociais, mais que fatores econômico-financeiros, contribuem para a volta de aposentados ao trabalho. Contudo, Engler (2011) assinala que os idosos dinamizam a economia, aponta que entre 16 e 49% dos chefes de família latino-americanos, tem idade avançada e permanecem no trabalho por motivo de sobrevivência, portanto viver mais significa gastar mais. Fato ponderado nas falas abaixo:

Quando me aposentei eram quatro salários, agora são só dois, só plano de saúde leva a metade, mas não posso ficar sem ele. (Amanda)

A minha aposentadoria é um pouquinho a mais que um salário mínimo, porque não tiraram as vantagens, se não! (Anara)

Eu sou encostado [...] recebi benefício por idade e depois fui lá no INPS e aposentei, ah mas teve uma época depois que trabalhei no Círio no restaurante a dona era uma paraibana, lá se ganhava dinheiro, tinha sempre R\$ 70, 00 no bolso. (Josias)

É! Eu tenho um benefício. (João)

As narrativas revelam decepção dos idosos com relação a seus salários, sejam em forma de aposentadoria ou benefício. Alvarenga et al (2009) consideram a aposentadoria como fonte de tensão, ao relacioná-la a diminuição do poder aquisitivo que pode comprometer a qualidade de vida. As implicações quanto ao rebaixamento na remuneração do idoso é comumente citada nas entrevistas. Desta forma, observa-se que a tendência de reduzir a renda traz implicações importantes no cotidiano do idoso. “[...] Os custos da aposentadoria e da cobertura médico-assistencial da velhice são

apresentados como indicadores de inviabilidade de um sistema que, em futuro próximo, não poderá arcar com os gastos de atendimento” (DEBERT, 2012, p. 22). Analisa-se um desvalor construído em uma produção socioeconômica, na medida em que o idoso torna-se inativo.

Neste cenário, os longevos sentem-se traídos pelo sistema previdenciário, por não retornar dignamente seus proventos. Muitas vezes necessitam continuar no trabalho para ajudar seu sustento (CERVENY; BERTHOUD, 2002). Neste sentido, reporta-se a Barros, Mendonça e Santos (1999) que pontuam a receita da aposentadoria diferenciada dos demais membros da sociedade, uma vez que a renda do idoso é menor, o que se torna um evento complicador, considerando gastos elevados, principalmente com a saúde.

Por outro lado, observa-se que o idoso quando economicamente ativo tem uma espécie de prêmio referente à produção do trabalho por meio de sua remuneração. Conforme anotações das entrevistas, Anara trabalhou extensivamente. Muitas vezes só retornava à casa para o repouso noturno, com isso suas gratificações por dedicação, foram incorporadas a sua aposentadoria. Alvarenga et al (2009) pontuam que o reconhecimento do trabalhador esta diretamente relacionado a identidade profissional, ou seja, ao mesmo tempo em que o trabalho contribui para a formação do ser social, o social contribui para a formação do ser profissional. Reflete-se que o trabalho ocupa um lugar de singular importância para o idoso, de tal forma que se encontra conectado a sua identidade, e desta forma ser reconhecido por dedicar-se a este, por meio de gratificações, é uma forma compensatória para a vida do longo.

Schmidt e Magnabosco-Martins (2011) consideram a aposentadoria como um momento da vida permeado por ganhos e perdas, ressaltam o positivo deste benefício ao apreciar um tempo maior para investir em outros projetos de vida, de vez que a vida não se encerra com a aposentadoria. Contudo, é necessário analisar que a aposentadoria do idoso é diferenciada de acordo com sua classe social, em particular aqueles em que os benefícios são menores. Engler (2011) enfatiza a necessidade de equilibrar políticas de controle da inflação, renda e estabilização de pagamentos com as necessidades e o bem estar da população idosa, ou seja, contrapesar as necessidades financeiras e o potencial de contribuição econômica do idoso. De fato, sustentar-se com os proventos da aposentadoria requer adequar-se a uma nova realidade, considerando que o custo de vida tende a aumentar e a aposentadoria não.

4.1.4 As Relações sociais como sobrevivência

Percebe-se que para os idosos as relações sociais são potencializadas por meio das amizades. Revelam que é um processo conectado com o outro no meio social da instituição, como um processo de um bom viver. O vínculo construído por meio da amizade no decorrer da institucionalização é percebido como necessário para sobrevivência dos residentes. Este fato é especificamente observado, conforme anotações do diário de campo, no momento em que uma das idosas as vésperas de realizar uma cirurgia de catarata, será acompanhada por outra residente da mesma instituição. É desse modo que se percebe os sentimentos, os afetos em um papel importante das relações de amizade.

Os vínculos conferem a sobrevivência do ser humano, em particular do longo. Entre os idosos não dependentes na ILP é inquestionável que a condição de vida em que se situam o aspecto emocional, sentimental e afetivo é ressignificado nas relações. Neri (2008a) assinala que as pessoas de idade avançada buscam suporte maior nas relações selecionadas ao longo da vida, ou seja, o idoso tem maior preferência nos círculos de livre escolha das amizades de pessoas da mesma geração do que das relações obrigatórias como as conjugais, parentais e familiares. De fato, a busca por um convívio social, celebrado por pessoas do mesmo vínculo é frequentemente verbalizada nas entrevistas.

Percebe-se que a procura por um suporte social neste estudo parece estar relacionada à carência emocional e, na maioria das vezes, este apoio é encontrado nos laços de amizade. Compreende-se uma efetivação de vínculos afetivos entre os idosos, conforme observado e registrado no diário de campo, esta conexão ocorre pela interação de atividades realizadas na instituição ou espontaneamente pelos próprios residentes. Silva et al (2007) assinalam que a convivência entre idosos em ILP, investida por meio de carinho e respeito, propicia uma relação tecida por uma consideração maior entre os longevos do que sua própria família. Neste sentido, as reciprocidades coletivas estabelecidas entre idosos, segundo Capitanini (2000), geram investimento na segurança e proteção no que diz respeito a adaptação e satisfação na mudança do ciclo vital. Assim a pessoa com idade avançada encontra-se fortalecida e capaz de conduzir sua vida satisfatoriamente.

Neri e Vieira (2013) apontam o suporte social como um resultado da ação das relações sociais e classificam nas seguintes categorias: apoio material (p.ex. ajuda financeira e com alimentos); apoio instrumental (auxílio em tarefas domésticas e

transporte); apoio informativo (sobre saúde e legislação ou na tomada de decisões); apoio afetivo (inclui expressões como amor, afeição e encorajamento). Ressaltam que à medida que se envelhece, o ciclo das relações sociais informais inclina-se a diminuir, ao considerar a mudança na perspectiva de tempo futuro. Assim, segundo estes autores, a percepção de que é necessário otimizar recursos pessoais e sociais para enfrentar as perdas do envelhecimento provocam alterações na motivação dos idosos para contatos sociais.

Debert (2012) assinala o asilo como um lugar em que se cultua as relações sociais, ou seja, não deve ser compreendido como um espaço em que se pratica o fim de uma carreira. Assim, do mesmo modo que a ILP é entendida socialmente pelo simbolismo que carrega, por outro lado, é encontrada como alternativa de suporte para aqueles idosos que pretendem viver autonomamente sua vida. A exemplo disso tem-se Amanda, idosa não dependente, sujeito desta pesquisa, a qual verbaliza na entrevista: “eu fiquei sozinha, tinha 65 anos e como tinha outras pessoas da minha idade, resolvi ficar”. A mesma confirma a necessidade de um convívio social saudável que possa ser encontrado na instituição, e neste sentido, a busca por um convívio com outro é uma forma de superar o isolamento.

De um modo geral, Rodrigues e Silva (2013) ressaltam que para o idoso, a qualidade de vida é comprometida pelas perdas, mas seu resultado está relacionado ao significado que o mesmo lhe atribui. Idosos solteiros, viúvos, separados e sem filhos são os que recebem menos apoio social e têm uma qualidade de vida mais prejudicada. Ressalta-se que conforme anotações das entrevistas, os idosos aqui pesquisados por meio da amizade, conseguem adaptar-se de forma confortável à instituição, ou seja, a amizade faz parte do cotidiano dos residentes. Alguns as restringem e mantêm somente aquelas consideradas significativas, é o caso de Amanda quando verbaliza na entrevista: “converso com alguns do sistema antigo porque eles têm um melhor tratamento. Os outros que chegaram, os homens são muito enxeridos e salientes”. Segundo Almeida e Maia (2010) a rede de amigos, diferente da familiar, é edificada seletivamente, a partir de trocas recíprocas de experiências e sentimentos. Por meio das relações pessoais, as quais permitem o fortalecimento e conseqüentemente a promoção e eficácia por uma melhor qualidade de vida aos idosos.

Neste contexto, percebe-se uma espécie de afinidade, de empatia com o outro, como deflagrador de compartilhamento e confiança nos diálogos e trocas entre as pessoas. Neste caso, a interação flui somente com os que partilham dos mesmos

desejos, das mesmas coisas afins. É possível observar essa seleção no modo como Amanda encaminha suas trocas afetivas nas relações de amizade, como referido: “eles têm um melhor tratamento”, diferentemente dos “enxeridos e salientes”. Observa-se afinidade, empatia e favorecimento com os que já faziam parte do seu grupo de amizade na instituição e a inviabilização para com os outros que chegaram.

Constata-se também que a afinidade e a empatia são fatores importantes encontrados nas falas dos entrevistados no que concerne as relações sociais como sobrevivência na vida dos idosos. Anara, por exemplo, cultiva a lealdade por um vínculo construído ao longo de sua vida a qual conserva apreço, ao narrar na entrevista: “esse meu amigo me ajuda muito, na minha sobrevivência”. Por meio da amizade há um pacto de proteção e confiança, que possibilita o idoso fortalecimento frente às desventuras da vida.

Conforme Rodrigues e Silva (2013), a conservação de relações sociais com amigos da mesma geração favorece o bem-estar psicológico e social dos idosos. Reforçam que as mulheres, por apresentarem-se mais receptivas, são capazes de constituir relações de familiaridade, com maior facilidade e com isso apresentam redes de relações sociais mais ampliadas. Portanto, as relações sociais como forma de sobrevivência para o idoso, construídas dentro e fora das ILP, contribuem significativamente para o enfrentamento do cotidiano dos idosos aqui estudados, uma vez que os vínculos criados são forças motivadoras para uma melhor qualidade de vida.

4.1.5 Saúde de velho

Muitas conquistas foram realizadas para uma maior expectativa de vida, como pontuado por Neri (p.13, 2011) “os novos idosos brasileiros são mais saudáveis, vivem mais e são mais produtivos do que os do passado ou do que os refletidos pelos estereótipos”. Contudo, vencer o envelhecimento e suas consequências, ainda não se tem notícia, haja vista a alta prevalência de doenças crônicas e poucas políticas públicas de saúde, dirigida a pessoa idosa. O que concorre para que a saúde na velhice não seja cuidada satisfatoriamente (MENEZES; LOPES; AZEVEDO, 2009). Neste aspecto, reporta-se a Teixeira (2011) ao pontuar a senescência como uma experiência heterogênea e subjetiva, o que dificulta definições sobre um envelhecimento saudável ou com fragilidade, considerando que nem todos os idosos são frágeis ou completamente saudáveis. Deste modo, a singularidade pode ser considerada como fio condutor na apreensão de significados a saúde do idoso. Como apontado nas narrativas dos sujeitos deste estudo, no momento da entrevista.

Uma coisa ali dói, vai daqui dói, ai da vontade de jogar tudo fora, tenho osteoporose, mas caminho e faço palavras cruzadas, eu escuto o Jornal Nacional, mas to fazendo as palavras cruzadas. Eu tomava remédio para dormir, vieram os alunos do CESUPA e por indicação do supervisor deles (médico) estou fazendo o desmame e depois vão substituir por um fitoterápico. (Amanda)

Sabe aqui alguns já fizeram cirurgia de catarata e recomendaram que eu não deva assistir televisão e usar óculos escuro, vou fazer isto. (Anara)

Durmo bem que até sonho com a minha mãe e meus irmãos. Sempre tomei remédio caseiro, só isso que tomo. Nunca fui ao médico, só uma vez porque estava com dor na coluna e reumatismo, ai ele disse que não tinha cura. (Josias)

Eu tomo umas pílulas que na realidade eu não sei para que serve, acho que pra deixar de fumar. (João)

Na frase supracitada por Amanda: “da vontade de jogar tudo fora”, manter-se saudável na senescência é uma pratica frequente no cotidiano daqueles que enfrentam o envelhecimento. Neste contexto, a resiliencia atua como principal enfrentamento em situações difíceis, a mesma é entendida como a “possibilidade de recuperação” (BRANDÃO; MAHFOUD; GIANORDOLI-NASCIMENTO, 2011, p. 269) e também como “a capacidade humana de enfrentar as adversidades” (MAIA; FERREIRA, 2009, p. 121).

Neste percurso de encontros e desencontros emaranhados a uma sensação de impotência, frente à dor sentida naquele momento, Josias, sujeito aqui estudado, encontra um modo de tratar sua dor ao receber a noticia de que não havia cura para sua doença. Verbalizar isso na entrevista: “Sempre tomei remédio caseiro”, a partir desta atitude consegue remover sua dor na coluna e dar seguimento as suas rotinas. A forma de conduzir uma situação estressante está relacionada ao entendimento que se tem pela mesma, para que sejam acionadas estratégias de enfrentamento, e a partir daí adaptar-se a eventos estressores que possam interferir no cotidiano (NERI, 2011). É perceptível nas entrevistas a obtenção de recursos necessários para produção de enfrentamento, ao considerar que à medida que se envelhece são construídas formas peculiares por cada idoso frente às adversidades da vida.

Do mesmo modo, o cuidado para com o longevo é destacado na pesquisa. João, participante desta pesquisa, por um bom tempo fez uso do álcool e continua a fumar. Veio para a instituição com a saúde comprometida, conforme registrado em seu prontuário, portanto, necessitando de tratamento medicamentoso, o qual atualmente recebe da instituição. Santos et al (2012) enfatizam o gerenciamento da saúde efetivado por instituições, governos e profissionais de todas as áreas, com a finalidade na abordagem do cuidado com o idoso, o que contribui significativamente na preservação da autonomia, independência e melhor qualidade de vida dos residentes das ILP. Considera-se que o cuidado na saúde esta presente em todo desenvolvimento, ou seja, ele não encerra em uma só etapa da vida, à medida que o individuo tem a dimensão da necessidade de cuidar-se, sua saúde provavelmente estará menos comprometida na senescência.

Nesta sequência, a preocupação com bem estar é nítida nas entrevistas, Anara, por exemplo, relatou ter procurado por informações sobre a cirurgia de catarata, por meio de conhecimento de uma das enfermeiras da instituição, o que lhe permite assimilar sobre o evento que será submetida e apresentar menos ansiedade. “O cuidado de si é um exercício de si para consigo, com o objetivo de se transformar, produzir-se e atingir um certo modo de ser” (TÓTORA, 2006, p. 35). Um modo de se estar próximo de si é estar atento consigo mesmo no que concerne seu bem estar. Neste contexto, a busca por uma orientação especializada relacionada a cirurgia de catarata como exemplificado por Anara é um modo de cuidar de si.

Cerveney e Berthoud, (2002) assinalam que tratar da saúde é um desafio a vencer, para que a morte se torne o mais distante possível da velhice. Assim, as variáveis subjetivas segundo Neri (2011) podem clarificar os idosos no sentido de investirem na própria saúde e na solução de problemas cotidianos e existenciais, mesmo presenciando fatores como pobreza, doenças e eventos estressantes. Desta forma, a saúde para estas pessoas é tratada de modo peculiar, ao considerar o percurso de vida trilhado por cada um. Do mesmo modo, a disponibilidade para cuidar-se seja pela assistência médica ou pela fitoterápica e a orientação por outro profissional são maneiras presentes e importantes nos sujeitos entrevistados. Assim, na diversidade dos significados apresentados sobre o longevo, atenta-se para um olhar especial no que confere sua saúde, por se tratar de um ser singular.

Nesta perspectiva, Figueiredo (2011) pontua que a existência do homem é baseada por meio de cuidados oferecidos e recebidos no complexo contexto das relações sociais. Ou seja, a partir do cuidar de si e do outro, o homem adota um sentido à sua

vida. Além do que, o saudável em um sujeito humano é considerado e avaliado a partir da sua relação com o ambiente em que dado momento singular é reconhecido, preservado, enriquecido e confirmado.

Recorrente a isso, observa-se que quanto mais ativa é a pessoa, em particular a com maior tempo de vida, aqui estudada, menos limitações possui ao considerar uma história privilegiada pelo cuidar de si. Para Santos et al (2012, p.748,) “o autocuidado é a prática de atividades que o indivíduo inicia e executa em seu próprio benefício, na manutenção da vida, da saúde e do bem-estar”. Desta forma, pode-se inferir que esta prática é aliada à apreensão de disposições para com si mesmo no que se refere a conservação da própria vida. Portanto, uma predisposição do ser humano, de autoproteção.

Assim, o cuidar-se está relacionado em ter apreço por si mesmo, como exemplificado nas observações anotadas no diário de campo: o hábito higiênico de lavar as mãos depois de alimentar-se de uma manga, além de banhar-se, fazer a barba, cortar as unhas (Josias); organizar o quarto independente de ter sido realizada faxina, no sentido de colocar os móveis no lugar para evitar quedas (João); buscar realizar cirurgia de catarata porque os olhos lacrimejam (Anara); evitar andar muito em especial a tarde por ser mais quente e cansativo (Amanda). Reflete que são todos procedimentos necessários para que cada um consiga circular no seu cotidiano tranquilamente. Maia e Ferreira (2009) apontam que embora o idoso tenha algum problema de saúde, ainda assim, consiga uma boa qualidade de vida. Sua automotivação leva-o a buscar adaptações e recursos internos para lidar com as adversidades da vida, motivo pelo qual o ser idoso torna-se na maioria das vezes resiliente. Portanto, percebe-se um investimento próprio do cuidar de cada um, em que a manutenção por um bem estar é priorizado em suas vidas.

O “ser idoso”, em particular o não dependente residente na ILP, aqui estudado, é uma pessoa ativa, com desejos e, principalmente, alguém criativo frente as adaptações do seu cotidiano, como escreve Debert (p.11, 2011) “um ator que não mais ausente do conjunto de discursos produzidos”. Analisa-se nas narrativas que o ser idoso, ao verbalizar suas experiências, permite ao pesquisador compreender suas angustias e ao mesmo tempo suas alegrias, as quais percorridas em sua trajetória de vida, do mesmo modo, demonstra o quanto fortalecido para enfrentamento do seu cotidiano, o que me proporciona considerável reverência pelos participantes aqui estudados.

4.2 Estar na instituição

Os locais como abrigo, asilo, retiro ou casa de acolhimento como espaço de residência para o idoso, nem sempre atuaram na função social de convivência e moradia para esse segmento da população. O primeiro asilo construído no Brasil data de 1790 o qual conhecido pelo nome de Casa dos Inválidos, no Rio de Janeiro, o que abrigava idosos portugueses que lutaram na guerra dos sete anos (ARAÚJO, 2012). Posteriormente em 1890, neste mesmo estado é edificado o Asilo São Luiz para a Velhice Desamparada onde as pessoas com idade avançada eram nomeadas como “náufragos da vida” (GROISMAN, 1999). Desta forma, entende-se que por um bom tempo a instituição asilar foi responsável pelos cuidados dos dependentes e incapacitantes, assim a rotina institucional da época, era confirmada pela impotência dos residentes mantida por uma relação de exclusão e segregação.

Portanto, a organização de um asilo era gerenciada de forma assistencialista e os internos pouco ou nada se integravam ao ambiente externo das instituições, ou seja, não havia nenhum tipo de integração com o mundo fora do asilo (PAULA, 2008). Neste sentido, as instituições simplificam o comportamento social para o indivíduo, os modos de pensar e agir são geridos e predeterminados antes do indivíduo constituir parte da sociedade (BERGER; LUCMAN, 2012). Assim, avalia-se que os asilos, por meio de regras estabelecidas, configuravam-se como um lugar em que o desejo do idoso não era considerado.

É importante frisar, que as ILP para os idosos, segundo Rissardo et al (2012) surgem como um projeto atraente e possível, por oferecerem a reconstrução de uma vida fora do contexto familiar por meio de uma espécie de fortalecimento das relações sociais, além disso, representa para o idoso um lugar que oferece ausência da agitação e estresse do cotidiano.

O termo Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) que corresponde a “Long Term Care Institution” foi criado em 2002 pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG), para indicar estabelecimento de atendimento integral institucional (SILVA et al, 2010). Todavia ainda é possível perceber uma crença socialmente construída nas instituições de longa permanência, como um lugar de cunho assistencialista destinada ao idoso, pois originalmente são relacionadas aos asilos que anteriormente atendiam a população carente e que necessitava de abrigo. Contudo, as ILP apresentam caráter residencial, destinadas a domicílio coletivo de pessoas, com idade igual ou superior a 60 anos, com a função de integrar a rede de assistência social à área de saúde (CAMARANO; KANSO, 2010).

Contudo, vale ressaltar que de acordo com Cruz e Ferreira (2011) os idosos se descobrem com várias perdas significativas com o passar dos anos: a viuvez, o surgimento das doenças crônicas degenerativas, a morte de amigos e parentes, a ausência de papéis sociais valorizados, o isolamento crescente, as dificuldades financeiras decorrentes da aposentadoria, que tendem a afetar a autoestima do idoso, resultando em crise. O modo de responder a estas perdas resultara em superação ou incapacidade.

Com efeito, o impacto para o idoso, ao sair de sua moradia para residir em uma ILP, segundo Corrêa et al (2012), ocasiona repercussões emocionais nas relações e na saúde de quem vive asilado. Como exemplo, a forma de administrar o tempo, o espaço, as decisões e relações, conforme este autor apresenta-se em geral perdida, uma vez que deve ser de acordo com a organização da instituição. No entanto, Michel et al (2012) pontuam que a degeneração da velhice e alienação do mundo eram características presentes no contexto do asilo, além das situações de abandono e da condição de dependência dos idosos. Porém, na atualidade a admissão nessas instituições surge como condição de acesso a cuidados de saúde, apoio social e segurança.

Ao procurar a UAPILP, Anara, participante desta pesquisa, tinha o objetivo de contar com um lugar que lhe oferecesse segurança como afirma na entrevista: “Se eu alugo um kitnet pra morar eu não vou ter sossego, é só ligar a televisão, o assassino matou a fulana, a velha morreu esganada, então são esses os casos, é só que a gente escuta, aqui não”. Rodrigues e Silva (2013), argumentam que a intensidade de satisfação com que uma pessoa idosa enfrenta a vida está diretamente relacionada com suas experiências que adquiriu no passado, além do momento atual e da perspectiva de seu futuro, principalmente, se conseguiu atingir seus projetos de vida. Portanto, resulta de inúmeros fatores externos e internos. Dentre estes, um dos mais importantes é o êxito do seu processo adaptativo, contínuo, em enfrentar as inúmeras transformações que se sucedem.

Nesta perspectiva, a mudança para uma ILP representa implicações importantes para adaptação do ser idoso. Dentre elas encontra-se a obediência às regras, a qual visualizada como um modo de regulação e de organização da gestão da ILP. Como citado nas entrevistas.

Aqui não tem aquele horário para se recolher. (Amanda)

Conheço toda a cidade, é só pegar o ônibus, mas não deixam eu sair, só deixam se for acompanhado, dizem que é por causa da idade. (Josias)

Eu posso sair e viajar, desde que eu avise, é só falar na secretária. (Anara)

Quando saio é para jogar no bicho ou passear, sempre vou com o pessoal ou com casal de amigos meu, mas tem que pedir permissão. (João)

Na coordenação de regras de pertencimento dos residentes de uma ILP, há uma organização na busca da regulamentação das ações e comunicações que podem ser desenvolvidas internamente no estabelecimento. Estas regras são produzidas a partir do reflexo da seleção e da sensibilidade da instituição ao que entende como essencial em sua função de cuidado integral (CREUTZBERG et al, 2011). Neste sentido, observa-se nos fragmentos das falas que a obediência às regras tem relação com a necessidade da instituição para com o idoso em relação à segurança pessoal dos mesmos.

Assim, alguns dos residentes se adaptam facilmente as diversas normas da instituição para obterem uma boa convivência onde vivem, outros manifestam desacordo. Faleiros e Morano (2009) consideram que as ILP do mesmo modo que se configuram em uma estrutura de poder, também são relações sociais, ou seja, compreendem poder, saber, interações, serviços, espaços de circulação ou de encontros e trocas. Desta forma, acredita-se que as regras atuem como mediadoras na possibilidades de determinações de proteção do lugar social do sujeito nas ILP, de vez que o convívio social pressupõe regras.

Percebe-se que a UAPILP não se configura como uma instituição fechada ou total, em que os residentes ficam impossibilitados de comunicar-se com o meio externo. Goffman (2010) pontua a instituição como “total”, aquela que captura parte do tempo e do interesse de seus participantes, tem um caráter de fechamento, que é simbolizado pelas portas fechadas e paredes altas. Este tipo de instituição é definida como um ambiente de residência ou trabalho em que pessoas com situações semelhantes, encontram-se por um longo período afastadas da sociedade e são administradas por uma vida limitada e formalmente conduzida.

Amanda, Anara e João conseguem entrar e sair quando desejam. No caso de Josias, a um cuidado maior com idoso, uma vez que necessita ser acompanhado em suas saídas, mesmo independente dentro da instituição. Debert (2012) em sua pesquisa com idosos em ILP, ressalta uma análise positiva da instituição por seus residentes, que esta

direcionada além das vantagens das instalações, a confirmação de que este é um lugar em que o indivíduo pode ter um controle sobre sua vida e ao mesmo tempo não pode ficar só. Nesta perspectiva, avalia-se que obedecer as regras da instituição é também contribuir para um melhor funcionamento da ILP, visto a responsabilidade que o estabelecimento tem por seus moradores, assim como, proporcionar uma melhor qualidade de vida aos mesmos.

Neste contexto, destaca-se a Comunicação n. 93 do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) do ano de 2011, a qual estuda sobre o coeficiente de totalidade das instituições. Neste estudo foi analisado: 1) Grau de dependência dos residentes nas ILP, em relação aos idosos acamados, que têm sua vida totalmente administrada pela instituição. Provavelmente, ocorreria se estivessem residindo com suas famílias, e, não, necessariamente, da residência em um asilo. 2) Os idosos independentes têm total liberdade de ir e vir, isto também ocorre com os familiares. 3) As refeições são feitas em horários estabelecidos pela instituição, o que, se não fosse assim, impossibilitaria sua administração. Isto também é facilmente encontrado em famílias numerosas. 4) Instituições como estabelecimentos de saúde. O que se constata que a organização de uma ILP é semelhante de uma residência em que o idoso é morador.

Assim, a partir deste cenário, presume-se a autodisciplina como uma construção gradual, mas importante para a percepção de si. Parte-se do pressuposto que a convivência precisa de regras para funcionar e, conseqüentemente permitir a integração de valores. Para isso as normas precisam ser: claras, concretas, coerentes e constantes. Do contrario, se estabelecem como repressivas, que contribui para um clima de desconfiança. Staudinger, Marsiske e Baltes (1995), pontuam a plasticidade como uma indicação do potencial de mudança do indivíduo e de sua flexibilidade e resistência para lidar com desafios e exigências. Deste modo, Cruz e Ferreira (2012) assinalam sobre o estabelecimento de rotinas e rituais fixos que possam ser eficazes no estabelecimento de regras em qualquer idade até na velhice. Nota-se que a obediência às regras esta atrelada a forma como cada um concebe a organização da instituição, além disso, permite pensar que em cada momento, em cada hora o ser humano se configura, conforme suas possibilidades e também seus desejos.

Outro fato interessante de analisar referente ao “Estar na Instituição” esta associado aos motivos que trouxeram os idosos, de ambos os sexos, aqui estudados na busca a ILP. Estes se direcionam basicamente à proteção, aos sentimentos de sossego, aos sinais de quietude, bem estar e além de uma vida longe de incômodos, como

examinados em anotações do diário de campo. Por tudo isso, pode-se inferir o sossego, o descanso e o silêncio emergido nas verbalizações dos idosos deste estudo, o que indica uma particularidade desta etapa da vida, como é evidenciado nas falas das entrevistas abaixo:

Se eu quiser ir para casa de alguém, eu vou, fecho aqui, que eu sei que ninguém mexe, fico despreocupada com negócio de assalto, invasão. (Amanda)

To cansado de não fazer nada aqui, é só comer, beber e dormir, até cansa. (Josias)

Sossego, ninguém me incomoda, lá com meus sobrinhos eu só vivia me assustando, aqui a gente dorme sossegada. (Anara)

Ah! Eu tenho que fazer qualquer coisa, aqui é muito sossegado. (João)

Observa-se que o sossego é constantemente verbalizado em relação a outros sentimentos. É nitido como este é percebido entre os homens e mulheres. As idosas sentem-se seguras e tranquilas, ninguém lhes incomoda, além disso quando saem e retornam encontram o quarto do mesmo jeito. Para os homens esta sensação significa tédio, apresentam um descontentamento bem expressivo. Percebe-se que o prazer dos homens em questão encontra-se fora da instituição como Josias, sujeito aqui pesquisado, que tem a sensação de estar preso (anotações do prontuário, 2013). Enquanto João tem o desejo de voltar a trabalhar (anotações da entrevista).

Faleiros e Morano (2009) argumentam que o cotidiano institucional prisma por uma homogeneidade, não só pelo lugar-comum da vida de um grupo, mas pela inalterabilidade das atividades e práticas ordenadas por um regulamento ou um planejamento burocrático ou técnico, com uma padronização do modo de vida. Além disso, estes autores situam o modelo político-institucional de organização da vida, com atividades comuns e coletivas, organizado por normas e comunicados, com horários definidos, espaços modelados, pessoal com tarefas prescritas para cada tipo em tempos cronometrados. O sentimento de tédio experienciado pelo homem idoso aqui estudado, reflete a perda de algo que deixou fora da UAPILP. As atividades tornam-se monótonas, e o estímulo por um cotidiano satisfatório, encontra-se no desejo de voltar a trabalhar e do fazer atividades não padronizadas.

Neste patamar, reporta-se a Chachamovich, Trentini e Fleck (2011), os quais apontam sobre o modelo de satisfação sustentado na relação entre a expectativa do indivíduo e seu nível de realização. Extraído de estudos sociológicos e psicológicos de felicidade e bem estar, este modelo vem confirmar que a qualidade de vida esta diretamente relacionada ao grau de satisfação em vários domínios definidos como importantes para o próprio indivíduo. Para além disso, a estratégia adotada pelo indivíduo para implementar sua qualidade de vida, depende de sua personalidade e de seu contexto cultural. Neste sentido, deve-se pensar que no caso dos homens idosos aqui analisados o sossego não esta nos seus planos. Entende-se que provavelmente a liberdade para esses depoentes seria um indicador de domínio mais acurado para satisfação de ambos.

O curioso neste aspecto é que para alguns dos idosos entrevistados, em particular os homens, é ressaltado que o sossego está relacionado ao não fazer nada, e não a serenidade e quietude. O tédio embora lento e gradual, interfere na qualidade de vida do residente. Nesse caso, torna-se necessário um acompanhamento psicológico mais próximo desses idosos, ao considerar que programas de lazer e de terapia ocupacional para minimizar a ociosidade e promover saúde e bem estar estão disponíveis na instituição.

4.2.1 Saída de casa

A casa para o idoso esta associada a sua identidade, a qual abrange marcas significativas e pessoais, construídas pelo seu próprio domínio e controle (MENDES; CÔRTE, 2009). Assim como o modo de conviver em uma moradia no estabelecimento de limites entre o público e o privado, que leva a refletir sentimentos de bem-estar e aconchego às pessoas em suas residências. Ademais, o modo como os idosos engendram seu espaço permite que os mesmos estejam sempre usando sua criatividade (AVELAR, 2010). Como exemplo, os sujeitos pesquisados: Josias possui uma coleção de tampas de garrafa pet no seu quarto, a qual serve de adorno para decoração do seu aposento; do mesmo modo, Amanda e Anara trouxeram moveis e utensílios com os quais deixaram seus quartos confortáveis (anotações do diário de campo). São lugares que transmitem seu toque pessoal e com isso permitem a autonomia do idoso.

Kuhnen et al (2010), em sua pesquisa sobre a organização dos ambientes para a saúde humana, consideram a personalização do espaço como um comportamento territorial que permite modificar as características de um ambiente. Ao cogitar características particulares no espaço, o indivíduo define um território, regula as

interações sociais e fortalece o sentido de pertencimento a um lugar. Por meio da personalização, melhora os níveis de satisfação e bem-estar, ou seja, segundo estes autores o ato de personalizar determina um espaço territorial por meio de marcas pessoais, que indicam pertencimento, além de ser um mecanismo de regulação do contato social e serve à função de defesa da identidade pessoal.

A procura por uma ILP, como opção de moradia realizada pelos idosos aqui estudados, foi de forma espontânea, somente um dos quatro investigados foi encaminhado para UAPILP, conforme anotações coletadas nos prontuários (2013). Como verbalizado nas entrevistas:

Veio o caminhão com as coisas e a senhora que ajudava em casa me acompanhou, eu queria ficar só eu sempre fui independente, vim por opção. (Amanda)

Ninguém me mandou eu que vim, eu fui para D. Macedo (asilo), em 1991 fui para o Val de Cães (asilo), conversei um bocado lá. Com os donos de lá, ai vim pra cá, em 2001 depois vieram fazer a limpeza aqui por 04 meses e fui para o Santo Antônio (asilo), ai depois voltei pra cá. (Josias)

Onde eu morava era deles a casinha, um compartimento que nem o daqui, tinha uma casa da COHAB, mas achava muito distante, e eu tinha medo, sozinha, não tinha coragem, então achei melhor ficar no Lar da Providência, ai que foi que aconteceu, vim pra cá, me aposentei e vim, ainda fiquei trabalhando por uns três anos. (Anara)

Tinha uma feira, por lá me davam comida, eu fazia compra, ganhava pra cachaça e pra comer, tinha uma senhora que vendia frango assado que telefonou pro pessoal e me levaram pra Cremação (asilo) e foram me buscar, ai vieram três de lá para cá, teve uma transferência dos moradores da Cremação pra cá. (João)

Avalia-se conforme as falas acima transcritas e as anotações coletadas nos prontuários das idosas, que ambas temem pela solidão, ou seja, tem a possibilidade de morarem só em suas casas; mas não se sentem seguras. Prado e Perracini (2011) assinalam que o fato do idoso viver só, não significa abandono e solidão, pode ser um exemplo de envelhecimento bem sucedido. Contudo em relação as idosas deste estudo o viver só acarreta solidão e ter como moradia a ILP, adaptar-se a sua organização, não significa necessariamente estar presa a instituição. Nesta análise Debert (2012) sinaliza que os residentes das ILP, são diferentemente dos encontrados nas instituições totais. A entrada destes representa uma alternativa capaz de possibilitar sua independência e o

cumprimento de uma multiplicidade de papéis sociais, que poderia estar ameaçada fora da instituição. Por muito tempo, o asilo foi configurado como uma instituição total, atualmente caminha para um lugar em que pode servir como moradia e não como última opção de residência.

O motivo que levou João a perambular e dormir na feira, além de fazer uso de álcool, e com isso apresentar risco social (anotações do prontuário, 2013) decorreu da sua saída de casa, a qual dividia com dois amigos, porém o dono faleceu, seu filho tomou posse e começou a usar o domicílio como ponto de venda de narcóticos (fatos registrados na entrevista). Enquanto José procurou a instituição por ter rompido relacionamento conjugal com a companheira e por encontrar-se sem casa para residir (anotações do prontuário, 2013). Prado e Perracini (2011) apontam que a importância do lar não está circunscrito na sua estrutura física, mas aos objetos, ao *design*, à funcionalidade, ou seja, às características físicas, sensoriais, entre outros, além da interrelação com vizinhos e serviços de apoio disponíveis, segundo estes mesmos autores, no que concernem as ILP por se tratar da existência de padrões de funcionamento, encontram-se comportamentos esperados e *designs* específicos.

Considera-se que desgastes são experienciados pelos participantes aqui pesquisados e, neste sentido, a saída de casa pode levar à necessidade de buscar um lugar que lhes transmita proteção e sociabilidade, pois o processo de envelhecimento inicia-se a partir do nascimento e se intensifica na velhice, quando é percebido um corpo fragilizado em que a elasticidade da pele e dos músculos já não é tão flexível, como exemplo os aparelhos: respiratório que absorve menos oxigênio e o gastrointestinal com dificuldades na extração de nutrientes (STUART-HAMILTON, 2002).

Ademais, a inatividade e conseqüentemente a diminuição da atividade física segundo Gomes e Diogo (2009) levam a maior enfraquecimento e, por conseguinte fadiga da musculatura do idoso, o que implica significativamente para o declínio funcional. Afora estes fatores, também se considera que uma parcela de idosos brasileiros, experimentam os resultados das precariedades de recursos de origem econômica, educacional, médica, habitacional e ecológica (NERI, 2011). Portanto, a saída de casa para uma ILP pode ser aqui entendida como um suporte necessário para o idoso, porque além de oferecer um espaço físico de moradia, pode também ser ampliado para um lugar de cuidados e consolidação das relações sociais.

4.2.2 Alojamento privativo e coletivo

Mendes e Côrte (2009) salientam sobre as necessidades dos idosos que se diferenciam não só pelas suas identidades, mas principalmente pela forma de cada um conduzir suas vidas, que podem interferir diretamente na estrutura física, mental, no desempenho funcional e nas relações afetivas e sociais. Assim, a dimensão do envelhecer não significa somente adoecer, mesmo que o idoso seja acometido de limitações impostas no decorrer da vida, ou por doenças crônicas degenerativas. Deste modo, sentir-se seguro e com estabilidade amplia a liberdade e permite um circular permeado, por adaptações com o ambiente construído. Contudo, é necessário ressaltar a existência de um espaço percebido como estressor ou não, considerando a representatividade deste para o idoso. Como verbalizado nas falas dos entrevistados.

O sistema antes era só um, cada um no seu quarto, nós que ainda somos do sistema antigo, continuamos em um só quarto, mas agora tem que dividir o quarto, quem chega tem que dividir o quarto, não é perguntado para eles se eles querem ou não ficarem sozinhos [...] Não tem condições como pode colocar outra pessoa aqui eu teria que reduzir. (Amanda)

Divido o quarto com um senhor do Guamá tem uns 70 anos, e vive tudo bem é tranquilo. (Josias)

Sempre foi meu ninhozinho aqui, tinha casais aqui, pessoas em trânsito, que depois as famílias levavam, era muito bom aqui, agora esta diferente. A limpeza era melhor, não sentia tanto cheiro de xixi, a gente estranha. (Anara)

Cada um tem sua cama, tem que saber viver né. (João)

Os relatos descrevem a situação de funcionamento dos alojamentos. É analisado o desconforto das idosas frente à possibilidade do residir em uma ILP, quanto à nova forma organizacional, no tocante ao compartilhamento dos quartos. A fala expressa uma relevância dada pela residente que parece incomodar-se, uma vez que, no caso dos pensionistas, não há divisão de quartos. Porém, a questão “eu teria que reduzir”, verbalizada por Amanda, idosa aqui estudada, perpassa pelo sentimento de ter que deixar de pertencer aquele lugar em que a mesma configurou ao seu modo. Pensa-se que se realmente as idosas tivessem que dividir o espaço elas até poderiam definir.

Ao investigar o ambiente de moradia e controle primário (CP) do idoso, que segundo Khoury e Günther (2008) significa todo o esforço que o indivíduo realiza para ajustar o ambiente físico ou social as suas necessidades e alcançar suas metas. Analisaram que a baixa densidade social, ou seja, o pequeno número de pessoas num determinado espaço físico, do ambiente de moradia, propicia o controle primário no envelhecimento, em que muitos dos afazeres são realizados dentro de casa, convertendo a liberdade de ação, a autonomia e a privacidade em necessidades importantes. Desta forma, reflete-se sobre a fronteira entre tutelados e pensionistas e a possibilidade da invasão de alguém que não compartilha do mesmo regime, ou seja, de um intruso no “paraíso” em que foi escolhido para residir e ficar o resto da vida. Portanto, quanto menor a densidade social, mais confortável para as idosas.

Queroz e Neri (2005) referem que o ajustamento pessoal está relacionado ao bem-estar psicológico. Este, por sua vez, é estabelecido pela interação entre as oportunidades e as condições de vida, o modo como às pessoas organizam o conhecimento sobre si e sobre os outros e as formas como respondem às demandas pessoais e sociais. Neste contexto, pessoas de meia-idade e idosas sustentam visões positivas de si mesmas, conduzem suas vidas de forma eficaz, apesar das adversidades que fazem parte do processo de envelhecimento. No caso das idosas, aqui estudadas, o ajustamento pessoal permeia por um desconforto vivenciado no momento do compartilhamento dos quartos. Tudo gira em torno de uma ameaça, que em algum momento, privilégios poderão ser retirados, como sair quando desejar, cozinhar no próprio quarto, viajar sem necessariamente formalizar autorização, ou seja, o prenúncio de desmerecer os direitos conquistados leva a uma vida limitada e imposta por regras da instituição que pode não ser aceita adequadamente pelas idosas.

Interessante que para os idosos masculinos a coabitação não os incomoda, ao contrário, constroi-se a adaptação do conviver a dois. Para Peixoto e Luz (2007) a coabitação encoraja o amparo, em momentos difíceis da vida de cada um de seus membros. Em relação a João e Josias ao compartilharem o dormitório na ILP, observa-se um hábito apreciado por ambos como uma forma de trazer-lhes ganhos como: a troca de experiências e a amizade. Por outro lado, analisa-se que quando estes idosos chegaram a UAPILP, as alterações para o novo regime organizacional já estavam implementadas. Precisando apenas ser cumprido, presume-se, então, existir outro fator de relevância pessoal, no sentido do desconforto de sentir-se sozinho.

Kuhnen et al (2010) consideram a privacidade como um importante regulador da interação e organização, no que determina uma identidade pessoal e grupal, a qual

aliada ao desenvolvimento da autoidentidade, de autoconhecimento e autonomia particular, em que se formatarão as condutas relativas ao território ou espaço pessoal. Além disso, coabitar com outras pessoas muitas vezes pode significar perda de privacidade e de independência. Neste sentido, é apreendido como ameaça à integridade pessoal (RAMOS; MENEZES, MEIRA, 2010). Isto é percebido pelas mulheres idosas, enquanto que para os homens, parece haver uma necessidade de estar junto, ao considerar o momento que Josias, participante da pesquisa, foi reconduzido a UAPILP, após solicitar desligamento da mesma, no que foi abandonado por sua companheira e encontrava-se em situação de risco social (anotações do prontuário, 2013).

Entretanto, na elaboração de uma divisão definitiva, em relação aos quartos, não se estabelece por dado momento, mas por um longo período de vida, ou seja, pelo tempo de permanência em que o idoso estiver internado. Reflete-se sobre a preservação da privacidade do ser humano, em especial do longevo aqui estudado, pois se compreende ser uma situação de incorporação ou assujeitamento pela situação organizacional criada.

4.2.3 O Que tem lá não tem aqui

Esta questão está presente nas falas dos entrevistados acerca da vida na instituição onde o sofrimento e o mal-estar são significativamente amenizados. Refere-se à satisfação de residirem aqui e não lá. Por ser aqui, na instituição, um local que se está em processos de acolhimento e solidariedade. Nessa perspectiva segundo Heller (1989, p. 30) “para não adoecer, o homem precisa de um lugar onde o espera coisas conhecidas, hábitos, segurança e uma dose de sentimentos”. A ILP é reconhecida, pelos idosos aqui estudados, como o lugar que possibilita um bom viver para aqueles que a procuram ou são encaminhados, como se encontra nas falas dos residentes:

Muita gente daqui tá velhinho, e os filhos não querem ficar com eles, ai fora tem filho e mulher e fica na rua, todo sujo, todo melado. (Josias)

Em canto nenhum a gente tem o que tem aqui. (Anara)

Ai fora é cheio de gente que não tem ninguém por eles. (João)

Gosto muito do bingo do festejo dos aniversariantes, do mês que tem aqui, tem umas lembrancinhas é mutito legal. (Amanda)

À medida que se envelhece as experiências no transcorrer da vida indicam certas atitudes que o ser humano pode e deve seguir, resguardar-se de incômodos que possam implicar no seu cotidiano é uma dessas. Carli et al (2012) afirmam que a satisfação do idoso em uma ILP é decorrente dos cuidados prestados pelos servidores da instituição, que proporcionam segurança no ambiente asilar além de bem estar aos residentes. Como exemplificado na fala de Anara (entrevista): “em canto nenhum a gente tem o que tem aqui”, se refere à UAPILP, local em que reside. Ressalta-se que Anara na maior parte da entrevista tece elogios à instituição, enfatiza o não sentir-se isolada, seja um residente ou funcionário da instituição sempre tem alguém que procura saber sobre seu bem estar.

Um outro exemplo está relacionado a dificuldade encontrada em Amanda de comemorar seu aniversário. Todavia, ao participar do evento dos aniversariantes do mês, organizado pela instituição (registro da entrevista), permite-lhe experimentar sentimentos de alegria e conforto, que são ressignificados no festejar, além disso, apresentava quadro de depressão, após o falecimento de sua mãe e o casamento do sobrinho (anotações do prontuário, 2013). Atualmente com a mudança de ambiente, a estima pelo “outro” foi ganhando contornos em si mesma e passou a apreciar os encontros com outros residentes, do mesmo modo, diverte-se e conseqüentemente intensificar sua autoestima. A autoestima conforme Neri (2011), tem várias origens e é consolidada ou enfraquecida por mecanismos de incorporação social, do mesmo modo, por reforçamento ou punição auto administrada. Neste sentido, a carga afetiva que a idosa obtém nesses encontros transforma-se em sentimento de confiança, e lhe dá nova percepção de vida. O que leva a refletir que Estar na Instituição implica residir em um lugar que conduz a uma melhor qualidade de vida.

Ademais, Batistoni et al (2013) destacam que o envelhecimento associado a experiência de vida tem uma apreensão maior a custos e benefícios de diferentes formas de regulação emocional, o que estimula a selecionar e a aplicar estratégias mais saudáveis e adaptativas. Portanto, observa-se o afetivo-emocional como carro chefe do modo de pensar, o vivido na instituição. Nesse sentido, a organização dos vínculos do idoso com a ILP é que dão “vida” às relações, e conseqüentemente criam-se alianças com o local onde se está.

O universo afetivo entre os idosos masculinos é indicador de aprovação da situação atual quando articulada ao tempo vivido fora da instituição, ou seja, ao bem estar vivenciado agora, em relação ao da época vivenciada anteriormente em uma realidade fora da UAPILP. Tecem considerações ao tempo vivido nessa época e, percebem maus tratos com os idosos, como mostra na narrativa de João (entrevista): “ai fora é cheio de gente que não tem ninguém por eles”. Concomitante a esse fato,

ponderado por Josias, há um agravante, a falta de cuidado que se tem pelo longo mesmo que tenham alguém que poderia cuidar deles, “ai fora tem filho e mulher e fica na rua, todo sujo, todo melado”. O depoimento afirma algo desastroso e cruel para com a pessoa idosa, o que se pode inferir como análise de suas falas uma provável banalização, no cuidado prestado ao longo fora da instituição.

A satisfação por cuidar do idoso esta diretamente relacionada ao entendimento que o cuidador tem sobre o processo de envelhecimento o que permite e garante um contato saudável e tranquilo (GARBIN, 2010). Conforme anotações do diário de campo, percebe-se um cuidado frequente para com aos idosos, por parte dos enfermeiros, realizando visitas aos aposentos, por parte das nutricionista na cozinha cuidando da alimentação, enfim são serviços prestados aos residentes da instituição, e a partir destas observações se infere sobre “o que tem lá, não tem aqui”, não por que lá seja melhor do que aqui ou vice-versa, mas pelo momento experienciado em que há uma notável proteção e do mesmo modo, repetido por aqueles que se encontram residentes na instituição, não se trata de piedade ou caridade, mas de olhar o outro com dignidade.

O saldo qualitativo disto tudo leva a pensar sobre um lugar e sua organização como a ILP, e como pode ser usado pelo idoso, pessoa tão singular e por conseguinte complexa, detidora de muitas experiências e conhecimentos, e em alguns momentos tão delicada, não por um corpo fragilizado, mas por muitas vidas já vividas, por sua dedicação ao outro seja família ou amigo. O olhar parado no tempo, muitas vezes percebido nas entrevistas quando questionados, como se estivessem lembrando sobre algo que lhes faz repensar sobre o hoje, o prazer de ser **inquirido e contar sobre sua história e o que levou a residir naquele local e sempre reafirmar que “o que tem lá, não tem aqui”**. A partir dessa dimensão, sobre o lugar em que estão residentes, aborda-se sobre um ressignificar da instituição na vidas destes longevos, que passa a ser desmistificada de uma caricatura tecida na finitude do idoso.

4.3 Referência de família

Discorrer sobre a família como referência para o ser idoso faz repensar sobre um olhar no tocante de suas experiências sociais, cada dia mais complexas com suas mudanças de valores. Neste contexto, encontra-se o idoso na ILP com suas relações familiares, dinamizadas em formas de perceber o mundo e a si próprio.

Falcão e Bucher-Malussche (2010) pontuam que na teoria sistêmica, a família pode ser apreciada como um sistema aberto, decorrente da dinâmica de seus componentes, por meio de um intercâmbio dos membros entre si, com outros e com os

sistemas extrafamiliares, num caminho constante de informação, energia e material. Portanto, os comportamentos e as ações de um dos membros tanto influenciam como são influenciados pelos dos outros. As funções são permeadas por subsistemas como díades: pai-filho, mãe-filho (subsistema parental/filial), esposo-esposa (subsistema conjugal), irmão-irmã (subsistema fraternal), sofrem muitas vezes mudanças de papéis, o que corrobora na modificação das modalidades de comunicação e de regras.

Para Fericgla (1992), a estrutura familiar estabelece a principal referência de pertencimento de um grupo que atua na cultura do idoso. A dinâmica das funções sociais é um aspecto relevante desta construção familiar e se manifesta de modo central na relação do idoso com o restante dos membros da família. Para os idosos, a importância da família é superior, a sentida pelos outros membros, ao considerar que os longevos buscam suporte, companhia e cooperação. Os mesmos reconhecem profundamente o papel de cada um dos membros da família, tendo como indicador o tempo.

Deste modo, com o passar dos anos a pessoa se depara com várias mudanças na instituição familiar como: a aposentadoria, perdas de amizade, saída de membros, baixa condições socioeconômicas, saúde limitada e institucionalização. Com isso, conceituar a família passa a ser algo difícil por apresentar muitos significados, uma vez que, em termos restritos, é vista como um núcleo básico, enquanto que ao estender o conceito sobre a mesma, pode ser definido como um grupo de indivíduos conectados entre si por laços consanguíneos, consensuais, jurídicos ou afetivos que compõem complexas redes de parentescos e de apoio influenciadas por aspectos biopsicossociais, históricos, culturais e econômicos. Assim, os desafios enfrentados pela família em relação às solicitações da velhice, dependem de como o sistema familiar foi adaptado ao longo dos anos, e de como pode ajustar-se às novas exigências desse processo (FALCÃO, 2012).

Segundo Faleiros (2013), o direito à família é primordial a pessoa, da solidez dos seus laços afetivos, do reconhecimento das suas origens e do desenvolvimento pessoal. O idoso mais ativo, principalmente com suporte familiar, se oportuniza em suas realizações com maior qualidade de vida. Assim, a família na função de proteção para com o idoso atua como um plano de sobrevivência individual e social dos seus componentes.

Neri e Sommerholder (2013) assinalam que a rede de apoio informal, a qual composta por amigos e familiares é construída, com base nos princípios de solidariedade e de reciprocidade entre as gerações. A solidariedade é representada no contexto de cuidado às pessoas da mesma geração, como exemplo: o cônjuge, amigos e parentes com idade próxima. O valor reciprocidade é norteado nas relações de cuidado dos filhos para com os pais e, eventualmente, para com outros parentes da geração precedente. Estas autoras ressaltam, que a demanda mais solicitada pelo idoso em sua grande maioria está relacionada às orientações com informações que possibilitam a tomada de decisões, e com isso gerar recursos disponíveis para a manutenção e a melhoria do seu bem-estar.

Portanto, não só para o longevo, mas para todo ser humano, a família tem a função principal de atuar como suporte na vida do indivíduo, isto é bem definido na fala de Josias (entrevista): “Minha mãe me ensinou tudo, esse negócio de mulher só fazer as coisas e o homem ficar olhando, não dá e se ficar só? Já pensou? ai aprendi tudo”. A partir de um modelo construído na família, o indivíduo passa a segui-lo e perpetuá-lo por gerações, à vista disso reporta-se a Cerveny e Berthoud (2002), as quais apontam as rotinas, rituais, segredos, entre outros que fazem parte do cotidiano, resguardam o sistema familiar e garantem a continuidade de uma geração para outra, em meio as mudanças externas.

Marangoni e Oliveira (2010) trazem como contribuição para esta discussão a transmissão cultural entre gerações, assim como, a memória social, o passado histórico e o futuro como subsídios essenciais para o entendimento de como sucede a dinâmica das relações sociais no contexto familiar. Estas mesmas autoras enfatizam que o processo das trocas intergeracionais se estrutura por meio de uma alternância entre continuidade e descontinuidade, em que valores modernos e tradicionais, ora se suplantam, ora coexistem.

Neste mesmo patamar, Marques e Sousa (2012) apontam que a integridade familiar é mantida por meio do compartilhar de interesses e valores e envolvimento em atividades e rituais nas relações intrafamiliares vivenciadas pelo idoso. Deste modo, as gerações mais novas são beneficiadas, pois herdam um legado familiar que contribuirá

no seu processo de construção e ajustamento da identidade. Contudo, para isto acontecer estes autores alertam sobre a necessidade da adoção de uma filosofia direcionada aos aspectos positivos de vida, do mesmo modo, respeitada a escolha do outro, ou seja, uma filosofia que abstenha um problema que assinale toda a existência. Logo, analisa-se que quanto maior a coesão, melhor será a relação entre idoso e a família.

Com efeito, a família como instituição social está sujeita a grandes mudanças, em que influências caminham com a história da sociedade. Do modelo patriarcal até o contemporâneo houve uma maior igualdade entre os sexos, já se observa claramente a diminuição da dependência da mulher com os cuidados específicos, como a casa e a criação dos filhos, dado o acesso cada vez maior da mulher ao trabalho remunerado no mercado de trabalho e conseqüente desdobramento, da dupla jornada de trabalho (SOCORRO, 2006).

A decorrência básica desse fator se estende aos idosos, quando estes passam a integrar a família dando apoio mútuo como explica Vitale (2007), no caso das famílias da classe média, as avós e muitas vezes os avôs auxiliam na educação dos netos e facilitam as dificuldades do cotidiano de seus filhos, os quais estão no trabalho, uma vez que se envolvem nas mais variadas tarefas domésticas. Em alguns momentos, principalmente nas famílias pobres, com os filhos desempregados, cabe ao idoso a desempenhar o papel de provedor da família, portanto o longo tempo passa a atuar na área financeira e afetiva, ou seja, é provedor e cuidador da família. O que se pode inferir, segundo esta mesma autora, que a família que é o primeiro cuidador, foi se modificando e se transformou com o passar do tempo, em dependente da pessoa idosa.

Peixoto e Luz (2007) alertam que apesar dos laços familiares serem intensos, as tensões criadas com a re-coabitação podem gerar rupturas. Conseqüentemente, reflete-se que a família tanto pode contribuir para uma melhor qualidade de vida para seu idoso como não. Entretanto, destaca-se que a qualidade dos encontros dos idosos com seus familiares, conforme pontuada por Santos (2013) é providencial para qualidade de vida dos mesmos, ou seja, a manutenção dos laços afetivos da família com o idoso nas ILP, ainda que esporadicamente, é extremamente benéfico, uma vez que as visitas passam a ser uma extensão dos vínculos formados, em particular nas situações em que membros da família se envolvem nos cuidados com o seu longo tempo.

Em relação aos idosos aqui estudados, os quais têm como característica a não dependência, é observado no decorrer das entrevistas, sentimento de magoa verbalizado em particular pelas idosas. Como especificado nas falas abaixo:

Minha mãe esteve doente, passou dez dias no hospital eu pedi para esposa do meu sobrinho ficar. Só uma duas vezes que eu pedi, ela chegava acima da hora que eu tinha pedido, e quando não, chegava dizendo que ia não sei aonde, quer dizer para eu não contar com ela, minha mãe passou um bom tempo na cama e ela entrava como visita, não tem condições de eu me adaptar com ela. (Amanda)

Os meu sobrinhos estão pra lá. (Anara)

A presença de mágoa, segundo Leime et al (2012), solicita respostas fisiológicas desagradáveis e prejudiciais. Neste transcurso, a possibilidade do perdão como apontam estes autores permite a diminuição de elementos negativos e o aumento dos componentes positivos, e, por conseguinte, a abdicação de ressentimentos, o que contribui satisfatoriamente para uma melhor qualidade de vida. Além disso, Morangoni e Oliveira (2010) destacam que os desacordos acerca da convivência podem ser agravados quando no ambiente não se privilegia o diálogo entre os membros das diferentes gerações. Uma boa condição de vida afetiva nas famílias necessita ser mais flexível e aberta, diante da precisão atual de construir, também na família, a cultura do respeito à diferença e da solidariedade intergeracional.

Na história de Anara e Amanda, a mágoa de um evento que ocorreu no passado, ainda permanece. No caso de Anara havia um interesse econômico de que a mesma ajudasse na casa, tanto que no decorrer de toda a entrevista expressa a escolha pela instituição como algo positivo. Ao contrário do que ocorre com Amanda, idosa pesquisada, em que o vínculo mantido com seu sobrinho é uma relação tranquila, contudo a respeito da esposa do mesmo, há ressentimentos e mágoa de como foi tratada.

Portanto, pertencer a uma família implica compartilhar sentimentos de afeto e lealdade e quando este movimento transcorre de forma inadequada tanto para família quanto para o idoso acarreta na maioria das vezes a mágoa. Espitia e Martins (2006) assinalam a necessidade de um cuidado maior para com o idoso, ao avaliarem que o mesmo manifesta a necessidade de atenção e afeto, ao considerarem que nesta fase o processo de transformação dos sentimentos se aflora e a infinita nuance de afeto com a família se intensificam.

Deste modo, analisa-se que em relação aos depoimentos de Anara e Amanda, colhidos nas entrevistas, é necessário destacar o manejo da família para com seu idoso, uma vez que ressentimentos são surgidos em conflitos, e conseqüentemente magoas são

experienciadas. Portanto, há necessidade de que estes sentimentos sejam processados, assimilados e posteriormente ressignificados.

4.3.1 Família que não faz papel de família

É fato que conviver em família não significa necessariamente estar seguro e não sofrer maus tratos, por conseguinte há momentos em que o idoso ao sentir-se inadequado no contexto familiar, busca vivenciar este momento de um modo particular, evento muitas vezes interpretado pela sociedade como um ato de isolamento ou solidão. Suzuki e Falcão (2010) enfatizam sobre vários significados da solidão, e neste patamar definem como uma experiência afetiva e cognitiva, assim, não está submetida ao isolamento social, mas a dissonância existente entre o desejo do sujeito e a realização da quantidade e qualidade do suporte social e afetivo. Portanto, o isolamento não significa exatamente solidão.

Sobre isto, Espitia e Martins (2006) discutem que as relações familiares encontram-se cada vez mais complexas no tocante ao afeto e as necessidades individuais de cada um. Muitas vezes o idoso acaba absorvendo direta ou indiretamente esta situação, pois cada família, ao vivenciar seus momentos de transformação, se encontra em uma sociedade na qual a expectativa de vida está se expandindo, o que pode provocar situações inovadoras ou mesmo conflituosas. Daí, na grande maioria das vezes, o despreparo das famílias para lidarem com essa realidade.

Além disso, Stuart-Hamilton (2002) infere que os membros da família podem apresentar-se ambigualmente nas épocas de problemas agudos, não crônico. Assim, quanto maior a espera por assistência dos familiares, maior a decepção, ou seja, quando se espera demais é inevitável o desapontamento.

Analisa-se que a expectativa do idoso para com a família é algo circundante no cotidiano contemporâneo dos longevos, em especial aos idosos aqui estudados. Falcão (2012) explica que na relação em que se dinamiza o dar e receber, pode ocorrer o evento de um membro da família tornar-se devedor em relação a outro, o que inevitavelmente obriga-o a reciprocidade. Contudo, nem sempre essas relações de dar e receber são equivalentes ou recíprocas. Como exemplo as narrativas dos idosos aqui investigados.

Graças a Deus não tenho filhos [...] Na hora que precisa cuidar dos pais os filhos não cuidam e deixam aqui. (Josias)

Sobrinho não é parente pela lei [...] eles não vem aqui porque ficaram muito sentidos de eu vir pra cá, mas eu não me sentia bem lá. (Anara)

A casa do meu sobrinho é pequena, ele tem um casal de filhos, a filha já casou e vai ter uma filha, já tem uma neta em casa, a mulher dele não me cheira e nem eu cheiro ela. (Amanda)

Motta (2010) compara as gerações como as classes sociais, em que existe a contraposição ou até oposição umas às outras. Ressalta que, no interior de cada grupo geracional ou de idade são edificadas representações, identidades e situações sociais que se confrontam com as de outros grupos ou categorias sociais. Neste contexto, percebe-se a reação de Josias, sujeito da pesquisa, em relação ao comportamento da nova geração que parece não conseguir cuidar do seu próprio idoso, contrariando a dinâmica familiar do mesmo.

O advento de diferentes gerações existentes na contemporaneidade, segundo Borges e Magalhães (2011), não extingue as especificidades de cada uma delas. As transformações históricas e culturais em uma sociedade, por exemplo, são experimentadas, comitantemente por pessoas de diferentes gerações. Motivo pelo qual a compreensão destas mudanças se expressa de forma distinta. Portanto, o vínculo intergeracional contemporâneo, de um modo geral, caracteriza-se por meio de uma tensão decorrente da conciliação da ideia de diferença e homogeneização intergeracional. Como os comportamentos próprios de cada faixa etária, as vestimentas e as imagens corporais produzidas, tudo isso demarca os limites entre os grupos de diferentes idades e sinalizava as distintas posições ocupadas pelos indivíduos de cada geração.

Como exemplo desta discussão encontra-se Anara, idosa aqui pesquisada, a qual conviveu conflito de gerações, uma vez que seus sobrinhos, herdeiros de uma casa desejam usar o dinheiro da tia para ampliar a residência e a própria não compartilhava do mesmo projeto, de tal maneira que enfatiza na fala (entrevista) “onde eu morava, só tinha gente nova, e ai eu ia me preocupando”. É perceptível que no contexto representado, os desejos de idosa e sobrinhos não se casam, o que leva a mesma a procurar um lugar que conceda a preeminência de suas aspirações, no caso a ILP.

De acordo com Falcão (2012, p. 109) “A vivência de cada família e a qualidade das relações entre os seus membros durante a vida se refletirão na expectativa de cuidado e no suporte percebido-recebido por esses idosos”. Com efeito, a não dependência permite ao idoso a escolha de conviver ou não com sua família.

Outro exemplo acerca das dificuldades de relacionamento em família, esta na verbalização acima supracitada de Amanda, a qual se encontra com problemas de relacionamento interpessoal com a esposa do sobrinho. O inusitado deste enunciado ressalta que o evento ocorrido entre a idosa e a esposa do familiar da mesma, não influenciou na afinidade de Amanda com sobrinho, que permanece a mesma (registro da entrevista). Analisa-se neste contexto um vínculo entre tia e sobrinho, que possibilita a sustentação da família de origem permeado pela lealdade e harmonia, de vez que a relação de ambos é de forma tranquila.

Contudo, é importante assinalar que a família em crise não significa a extinção da mesma, pois ainda continua como papel principal, a preservação da espécie, um lugar em que as relações humanas se aperfeiçoam em modelos de convivência que oportunizam potenciais humanos para o engenho de uma sociedade mais harmônica e promotora de bem estar coletivo (OSÓRIO; VALLE, 2002). Portanto, família é tudo isso e um pouco mais, pode estar deficiente, em conflito e também harmoniosa, às vezes difícil de ser entendida, mas todo ser humano necessita ter uma família.

4.3.2 Ficar sem família

A família é uma instituição dinâmica, com longa duração de convivência, e pelo seu nível de interrelação é considerada como o sistema mais importante na vida dos indivíduos (CERVENY ; BERTHOUD, 2002). Além disso, segundo D'Alencar (2012) é formada na maioria das vezes de gerações diferentes, e, por conseguinte uma estrutura familiar multigeracional, com diferenças de idades cada vez menores entre seus membros. Ao considerar a fecundidade precoce e a longevidade, dois eventos que atingem diretamente a estrutura familiar ocorrem: jovens são pais e mães cada vez mais cedo e idosos vivem cada vez mais. Diante disso, ficar sem família é percebido como algo complexo, que na maioria da existência do longo, já suportou muitas perdas. Como ilustrado nas falas das residentes da UAPILP, aqui estudados, em suas entrevistas:

Minha mãe passou um bom tempo na cama[...] Depois ela morreu e eu fiquei sozinha. (Amanda)

Só de filho eram dez, agora só eu. (Josias)

Inventei de arranjar marido e filho, o marido morreu e meu filho morreu de eclâmpsi (complicações na gravidez) [...] eu tinha 13 irmãos e todos eles morreram. (Anara)

Só tem eu e esta neta, que descobriram. (João)

Nas falas acima relatadas observa-se que os idosos pesquisados encontram-se sem sua família. Permite-se refletir que a proporção que os irmãos, cônjuges e outros membros da família morrem, a própria mortalidade e sua aceitação torna-se bastante real (WASH; MCGOLDRICK, 1998). Diante disto, a forma de conviver com esta perda, é entendida como um caminhar solitário. Compreende-se no decorrer destas falas que os participantes sinalizam uma comunicação não verbal como, um olhar fixo em um tempo que não volta, mas ainda localizado em suas memórias.

Um ponto importante a ser abordado sobre a perda de sua família referenciada por Anara, idosa aqui estudada, a qual passou boa parte de sua vida como babá e doméstica. A partir do vínculo patrão-empregado foi influenciada pelo modelo de família ali encontrado, no entanto, seu filho e marido faleceram (registros da entrevista). Lago e Codo (2010) apontam a morte como um dos temas principais da angústia humana e este tópico quando anunciado traz consigo o sofrimento. Porém, é necessário ressaltar que estar sem a família por falecimento não significa o aguardo da mesma como única condição de saída da instituição.

Neste seguimento, Cerveny e Berthoud (2002) apontam que o idoso representa a geração viva mais velha da família e conseqüentemente a visão mais ampliada do tempo vivido. Portanto, ficar sem família remete a uma adaptação construída no singular de cada um, em que as perdas são ajustadas conforme a forma que o idoso se permita enfrentar. Além do que, discutir sobre a referência de família no contexto do envelhecimento, em particular vivenciado nas ILP, é trilhar por um caminho especial, ao considerar que muitas memórias serão revividas.

Desde então, acredita-se não ser preciso procurar muito e nem ter um pensamento original, para poder inferir, o quanto o idoso sente saudade de casa, o quanto as imagens que brotam da imaginação recordam a sua família, seus filhos, netos, e o tempo vivido no seio familiar. A imagem lembrada tem forma e expressão mais intensa na velhice, de modo particular quando se está longe e morando em uma ILP, o que permite ativar a emoção por meio da ausência de alguém ou algum evento (NERI, 2008a). Diante deste cenário, a necessidade do suporte familiar é imperativa para o idoso em ILP.

Portanto, a referência de família para o idoso residente na UAPILP é demonstrada por meio de uma adaptação ao novo ciclo de vida, que pode ser acompanhado de perdas, mas há possibilidades de um caminhar sem prejuízos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo investigaram-se as percepções do ser idoso não dependente nas ILP, acerca de seu acolhimento na instituição o qual é representado por uma singularidade em que são percebidas formas de enfrentamento do seu modo de vida. Compreendeu-se uma pessoa ativa, com desejos, e principalmente criativa frente às adaptações do seu cotidiano. O motivo principal de sua permanência na instituição está relacionado à procura de um ambiente que lhes proporcione segurança e acolhimento, em dado momento queixaram-se das regras estabelecidas na ILP, porém confiam neste lugar como moradia, mesmo que em algumas ocasiões possa encenar desconforto.

Um dos aspectos que chamaram atenção neste estudo esta relacionado à percepção de tempo e espaço para os residentes desta pesquisa na ILP, a qual entendida de forma diferenciada. Os homens, por exemplo, experienciam o fracasso por não estarem mais ativos no trabalho como uma forma de inutilidade para com a vida, ou seja, não executar atividades laborativas é sentir-se improdutivo, de tal forma que mesmo com a programação de atividades realizadas na ILP, o prazer em realizá-las não é o mesmo do que estivesse na labuta. Já para as mulheres que por muito tempo cumpriram dupla jornada de trabalho, encontram-se satisfeitas com o momento atual, o tempo e a rotina na instituição não são vividos como sofrimento.

Em relação ao regime que foi modificado percebeu-se que para as mulheres, um fator significativamente constrangedor, dado a necessidade da preservação da privacidade, enquanto que para os homens nada alterou. Contudo, é necessário frisar que as mulheres estudadas pertencem ao regime antigo, pois são pensionistas e continuam individualmente em seus quartos, já os residentes do sexo masculino são tutelados e pertencem ao novo regime.

Portanto, este estudo traz como contribuição a desmistificação do idoso não dependente enquanto residente de uma ILP, como alguém relacionado à fragilidade e a doença. O que induz a mais estudos sobre esta temática ao considerar que o idoso por viver mais se encontra com maior autonomia no que concernem suas decisões e neste patamar, buscar a ILP como sua moradia leva-se a compreensão de que a constituição de uma vida pode também ser realizada em um contexto institucional sem maiores dificuldades para o idoso.

Em relação às limitações do estudo, ainda encontra-se na maioria da literatura investigada um ser idoso decrépito residente em ILP, poucos são os autores que enfatizam sobre um ser de idade avançada com envelhecimento bem sucedido que

procura espontaneamente a instituição como moradia. Assim, o idoso não dependente na ILP, aqui pesquisado é um longevo com envelhecimento bem sucedido, o qual não se exclui da esfera institucional em que está inserido, porém pouco conhecido da discussão acadêmica.

Desta forma, conclui-se que a procura da ILP como moradia pelo idoso não dependente é um fato que necessita ser mais investigado, dado que a expectativa de vida tende a aumentar e o idoso atualmente é um ser ativo, diferentemente do anteriormente compreendido pela sociedade, como alguém em processo de finitude. Do mesmo modo, a ILP necessita ser reconhecida como um lugar de proteção e acolhimento para o idoso, regida por regras que permite o ir vir de seus residentes, uma vez que ainda certificada pela sociedade como uma instituição total e assistencialista.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. K; MAIA, E. M. C. Amizade, idoso e qualidade de vida: revisão bibliográfica. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 15, n. 4, p. 743-750. 2010.
- AYKAWA, A. C.; NERI, A. L. Capacidade funcional. In: NERI, A. L. **Palavras chave em Gerontologia**. Campinas: Alinea, 2008.
- ALVARENGA, L. N. Repercussões da aposentadoria na qualidade de vida do idoso. **Escola de Enfermagem USP**, São Paulo, v. 43, n. 4, p.796-902, 2009.
- ARAÚJO, E. N. P. **Práticas psicogerontológicas nos cuidados de idosos**. Curitiba. Juruá, 2012.
- AVELAR, M. C. M. O Envelhecimento e a Moradia: Análise empírica em uma instituição de longa permanência e a perspectiva do residente idoso. **Caderno Temático Kairós Gerontologia**, São Paulo, n. 8, p. 61-77. 2010.
- BALTES, M. M.; SILVERBERG, S. A dinâmica dependência-autonomia no curso de vida. In NERI, A. L. (org). **Psicologia do Envelhecimento: temas relacionados na perspectiva de curso de vida**. Campinas. Papyrus, 1995.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Persona, 1977.
- BARROS, R. P.; MENDONÇA, R.; SANTOS, D. Incidência e natureza da pobreza entre idosos no Brasil. Texto para discussão n. 686 **IPEA**, Rio de Janeiro, 1999 Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br>>. Acesso em: 20/012/2012.
- BATISTONI, S. S. T. et al. Emotional Regulation Questionnaire (ERQ): indicadores psicométricos e relações com medidas afetivas em amostra idosa. **Psicologia Reflexão e Crítica [online]**. Rio Grande do Sul, v.26, n.1, p. 10-18. 2013.
- BEAUD, S.; WEBER, F. **Guia para pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BENTES, A. C. O. ; PEDROSO, J. S.; MACIEL, C. A. B. O idoso nas instituições de longa permanência: uma revisão bibliográfica. **Aletheia**. Canoas, n. 38-39, p. 196-205. 2012.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 34 ed. Petrópolis. Vozes, 2012.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto Alegre, 1994.
- BORGES, C. C.; MAGALHÃES, A. S. Laços intergeracionais no contexto contemporâneo. **Estudos de Psicologia**. Natal, n. 16, v. 2, p. 171-177. 2011.
- BORGES, M. C. M. O idoso e as políticas públicas e sociais no Brasil. In SIMSON, O. R. M. V; NERI, A. L.; CACHIONI, M. (orgs). **As Múltiplas faces da velhice no Brasil**. 2 ed. Campinas: Alínea, 2006.
- BRANDÃO, J. M; MAHFOUD, M; GIANORDOLI-NASCIMENTO, I. F. A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens. **Paidéia**. Ribeirão Preto, v. 21, N. 49, p. 263-271. 2011.

CAMARANO, A. A. (Coord.). Características das instituições de longa permanência para idosos: região Norte. **IPEA**. Brasília, v. 1, p. 99-110, 2007.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S. As instituições de longa permanência para idosos no Brasil. **Brasileira de Estudos da População**. Rio de Janeiro, v. 27, n.1, p. 233-235. 2010.

CAPITANINI, M. E. S. **Sentimentos de solidão, bem-estar subjetivo e relações sociais em idosos vivendo sós**. 2000. 117 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Educacional) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2000. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br>>. Acesso em 18.10.13.

CARLI, L. et al. Sentimentos e percepções de idosos residentes em uma instituição asilar. **Pesquisa: cuidado é fundamental on line**. Rio de Janeiro, v. 4, n.2, p. 2868-2877. 2012.

CERVENY, C. M. O; BERTHOUD, C. M. E. **Visitando a família ao longo do ciclo vital**. São Paulo. Casa do Psicólogo, 2002.

CHACHAMOVICH, E.; TRENTINI, C.; FLECK, M. P. A. Qualidade de vida em idosos: conceituação e investigação. In NERI, A. L. (org.). **Qualidade de vida na velhice: enfoque multidisciplinar**. 2. ed. Campinas: Alínea, 2011.

CORREA, J. C. et al. Percepção de idosos sobre o papel do psicólogo em instituições de longa permanência. **Brasileira de Geriatria e Gerontologia** [online]. Rio de Janeiro, v.15, n.1, p. 127-136. 2012.

CREUTZBERG, M. ; GONÇALVES, L. H. T.; SOBOTTKA, E. A. Instituição de longa permanência para idosos: a imagem que permanece. **Enfermagem**. Florianópolis, v. 17, n.2, p. 273-279. 2008.

CREUTZBERG, M. et al. Acoplamento estrutural das instituições de longa permanência para idosos com sistemas sociais do entorno. **Gaúcha de Enfermagem** (Online). Rio Grande do Sul, v.32, n.2, p. 219-225. 2011.

CRUZ, R. C.; FERREIRA, M. A. Um certo jeito de ser velho: representações sociais do curso da vida. **Psicologia USP**. Florianópolis, v. 19, n. 1, 81-94, 2011.

D' ALENCAR, R. S. (Re) significando a solidariedade na velhice: para além de laços consanguíneos. **Acta Scientiarum Human and Social Sciences**. Maringa, v. 34, n.1, p. 09-17, 2012.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. 1ed/ 2 reimpressão. São Paulo: Universidade de São Paulo; FAPESP, 2012.

DIAS, J. A. et al. Ser idoso e o processo do envelhecimento: saúde percebida. **Escola Anna Nery**, v.15, n. 2, p.372-379. 2011.

ENGLER, T. Como a economia pode favorecer a construção de uma velhice bem-sucedida. In NERI, A. L. (org.) **Qualidade de vida na velhice: enfoque multidisciplinar**. 2. ed. Campinas: Alínea, 2011.

ESPITIA, A. Z ; MARTINS, J. J. Relações afetivas entre idosos institucionalizados e família: encontros e desencontros. **Arquivos Catarinenses de Medicina**, Florianópolis, v. 35, n. 1, p.52-59, 2006.

FALCÃO, D. V. S.; CARVALHO, I. S. Idosos e saúde mental: demandas e desafios. In FALCÃO, D. V. S.; ARAUJO, L.F. (Orgs.). **Idosos e saúde mental**. Campinas: Papyrus, 2010.

FALCÃO, D. V. S.; BUCHER-MALUSCHKE, J. S. N. F. Os Conflitos nas relações familiares de idosos com a doença de Alzheimer: contexto clínico e jurídico. In: FALCÃO, D. V. S. **A Família e o idoso: desafios da contemporaneidade**. Campinas: Papyrus, 2010.

FALCÃO, D. V. S. A pessoa idosa no contexto da família. In: BAPTISTA, M. N.; TEODORO, M. L.M (orgs). **Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

FALEIROS, V. P. Envelhecimento no Brasil: desafios e compromissos. In SANTOS, A. A. A (col.) **Envelhecimento e subjetividade: desafios para uma cultura de compromisso social**. Conselho Federal de Psicologia. Brasília, 2008.

FALEIROS, V. P; MORANO, T. Cotidiano e relações de poder numa instituição de longa permanência para pessoas idosas. **Textos & Contextos**, v. 8, n.2, p.319-338. 2009.

FALEIROS, V. P. Autonomia relacional e cidadania protegida: paradigma para envelhecer bem. In Carvalho, M. I (org). **Serviço Social no envelhecimento**. Lisboa: PACTOR, 2013.

FERICGLA, J. M. **Envejecer: uma antropologia de la ancianidad**. Barcelona: Anthropos, 1992.

FIGUEIREDO, L. C. Cuidado e saúde: uma visão integrada. **ALTER- Revista Estudos Psicanalíticos**, Brasília, v.29, n.2, p. 11-29, 2011.

FLICK, U. **Uma Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução: Sandra Netz. 2ª.ed.Porto Alegre. Bookman, 2004.

_____. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Tradução: Magda Lopes. Porto Alegre. Penso, 2013

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. Brasília, DF. Plano Editora, 2003.

GAMBURGO, L. J. L.; MONTEIRO, M. I. B. Singularidades do envelhecimento: reflexões com base em conversas com um idoso institucionalizado. Botucatu. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, 13, n. 28, p. 31-41, 2009.

GARBIN, C. A. S et al. O envelhecimento na perspectiva do cuidador de idosos. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.15, n.6, p.2941-2948, 2010.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 8. ed. 2010.

GOMES, G. C; DIOGO, D. M. J. Função motora capacidade funcional e sua avaliação em idosos. In: DIOGO, M. J. D'E; NERI, A. L.; CAHIONI, M (org.). **Saúde e qualidade de vida na velhice**. Campinas. Alínea, 2009.

GONZALEZ, L. M. B.; SEIDL, E. M. F. O envelhecimento na perspectiva de homens idosos. **Paidéia**. Ribeirão Preto, v. 21, n. 50, p. 345-352. 2011.

GROISMAN, D. Asilos de velhos: passado e presente. **Estudos interdisciplinares e envelhecimento**, Porto Alegre, v. 2, p. 67-87. 1999.

HELLER, A. **Sociologia de la vida cotidiana**. Barcelona. Ediciones Península, 1987.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo 2010**. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 20 de março de 2013.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONOMICA APLICADA. Série Eixos do Desenvolvimento Brasileiro. **Comunicados do IPEA**, n. 93. Infraestrutura Social e Urbana no Brasil subsídios para uma agenda de pesquisa e formulação de políticas públicas Condições de funcionamento e infraestrutura das instituições de longa permanência para idosos no Brasil, 2011. Disponível: <<http://www.ipea.gov.br>>. Acesso em: 05/09/2013.

KHOURY, H.T.T.; GÜNTHER, I. A. Ambiente de moradia e controle primário em idosos. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v.18, n.39, p. 53-60. 2008.

KHOURY, H.T.T et al. Por que aposentados retornam ao trabalho? O papel dos fatores psicossociais. **Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 13, n.1, p. 147-165, 2010.

KUHNEN, A. et al. A importância da organização dos ambientes para a saúde humana. **Psicologia & Sociedade [online]**. Florianópolis, v.22, n.3, p. 538-547. 2010.

LAGO, K.; CODO, W. **Fadiga por compaixão: o sofrimento dos profissionais em saúde**. Petrópolis. Vozes, 2010.

LEIME, J. et al. O Pensamento do perdão em idosos institucionalizados. **Psico**. Porto Alegre, v.1, n. 43, p. 69-76, 2012.

LUCA, M. M. B. L. Identidades sociais em produção e envelhecimento: um estudo de caso In: SIMSON, O. R. M. V.; NERI, A. L.; CACHIONI, M (Org.). **As Múltiplas faces da velhice no Brasil**. Campinas: Alínea, 2006.

MAIA, E. M. C.; FERREIRA, C. L. Envelhecimento e desafios adaptativos. In: ARAÚJO, L. F.; FALCÃO, D. V. S. (Orgs.). **Psicologia do Envelhecimento: relações sociais, bem-estar subjetivo e atuação profissional em contextos diferenciados**. Campinas: Alínea, 2009.

MARQUES, F. D. ; SOUSA, L. Integridade familiar: especificidades em idosos pobres. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 22, n. 52, p. 207-216. 2012.

MENDES, F. R. C.; CÔRTE, B. O ambiente da velhice no país: por que planejar? **Kairós**, São Paulo, v. 12, n.1, p. 197-212. 2009.

MENEZES, T. M. O. ; LOPES, R. L. M; AZEVEDO, R. F. A pessoa idosa e o corpo: uma transformação inevitável. **Eletrônica Enfermagem**, Goiás, v. 11, n. 3, p.598-604. 2009.

MICHEL, T. et al. Significado atribuído pelos idosos à vivência em uma instituição de longa permanência: contribuições para o cuidado de enfermagem. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 21, n 13, p. 495-504. 2012.

MINAYO, M. C. S.; GOMES, S. F. D. R. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 31 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MINAYO, M. C. S.; MENEGHEL, S. N. ; CAVALCANTE, F. G. Suicídio de homens idosos no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n.10, p. 2665-2674, 2012.

MORANGONI, J. ; OLIVEIRA, M. C. S. L. Relacionamentos intergeracionais: avós e netos na família contemporânea. In FALCÃO, D.V.S. (org.). **A Família e o idoso**: desafios da contemporaneidade. Campinas: Papirus, 2010.

MOTTA, A. B. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. **Sociedade e Estado**, Brasília, DF, v. 25, n. 2, p. 225-250, 2010.

NERI, A. L. Psicologia do envelhecimento: uma área emergente. In NERI, A. L. (org). **Psicologia do Envelhecimento**: temas relacionados na perspectiva de curso de vida. Campinas: Papirus, 1995.

_____. Atitudes e crenças sobre velhice: análise de conteúdo de textos do Jornal O Estado de São Paulo publicados entre 1995 e 2002. In: SIMSON, O. R. M. V.; NERI, A. L.; CACHIONI, M (Org.). **As Múltiplas faces da velhice no Brasil**. Campinas: Alínea, 2006.

_____. As necessidades afetivas do idoso. In: SANTOS, A. A. A (col.) **Envelhecimento e subjetividade**: desafios para uma cultura de compromisso social. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2008a.

_____. **Palavras-chaves em gerontologia**. 3ed. Campinas: Alínea, 2008b.

_____. Qualidade de vida na velhice e subjetividade. In NERI, A. L. (org). **Qualidade de vida na velhice**: enfoque multidisciplinar. 2. ed. Campinas: Alínea, 2011.

NERI, A. L.; VIEIRA, L. A. M. Envolvimento social e suporte social percebido na velhice. **Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p.419-432. 2013.

NERI, A. L.; SOMMERHOLDER, C. As Várias faces do cuidado e do bem-estar do cuidador. In NERI, A. L (org.). **Cuidar de idosos no contexto da família**: questões psicológicas e sociais. 3. ed. Campinas: Alínea, 2013.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Cadernos de pesquisa em administração**, São Paulo, v. 01, n. 03, 1996.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Saúde Mental, 2013. Disponível em: <http://www.who.int/topics/mental_health/es/>. Acesso em: 14 de março de 2013.

OSÓRIO, L. C. VALLE, M. E. P. **Terapia de famílias**: novas tendências. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PALÁCIOS, J. Mudanças e desenvolvimento durante a idade adulta e a velhice. In: COLL, C. et al,(orgs) **Desenvolvimento psicológico e educação. Psicologia evolutiva.** Porto Alegre: Artmed, v. 1, 2004.

PAULA, A. R. **Asilamento de pessoas com deficiência:** institucionalização da incapacidade social. São Paulo. Memnon, 2008.

PEIXOTO, C. E. ; LUZ, M. G. De uma morada à outra: processos de re-coabitação entre as gerações. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 29, 171-191, 2007.

PERLINI, N. M. O. G. ; LEITE, M. T. ; FURINI, A. C. em busca de uma instituição para a pessoa idosa morar: motivos apontados por familiares. **Escola de Enfermagem USP.** São Paulo, n. 41, v. 2, 229-236, 2007.

PRADO, A. R. A.; PERRACINI, M. R. A construção de ambientes favoráveis aos idosos. In NERI, A. L. (org). **Qualidade de vida na velhice:** enfoque multidisciplinar. 2ª ed. Campinas. Alínea, 2011.

PORTO, I. ; KOLLER, S. H. Violência na família contra pessoas idosas. **Interações.** São Paulo, v.12, n. 22, p.105-142. 2006.

QUEROZ, N. C. ; NERI, A. L. Bem-estar psicológico e inteligência emocional entre homens e mulheres na meia-idade e na velhice. **Psicologia: reflexão e crítica.** Rio Grande do Sul, v. 18, n. 2, p.292-299. 2005.

RAMOS, J. L. C.; MENEZES, M. R.; MEIRA, E. C. Idosos que moram sozinhos: desafios e potencialidades do cotidiano. **Baiana de Enfermagem,** Salvador, v. 24, n. 1, 2, 3, p. 43-54. 2010.

REY, González. **Pesquisa qualitativa em psicologia:** caminhos e desafios. Tradução Marcel Aristides Ferrara Silva. São Paulo: Thompson Pioneira, 2002.

RISSARDO, L. K et al. Sentimentos de residir em uma Instituição de Longa Permanência: percepção de idosos asilados. **Enfermagem UERJ,** Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 380-385, 2012.

ROCHA-COUTINHO, M. L. De volta ao lar: mulheres que se afastaram de uma carreira profissional para melhor se dedicar aos filhos retrocesso ou um “novo” modelo de família? In: FÉRES-CARNEIRO (org.). **Casal e família:** permanência e rupturas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

RODRIGUES, A. G; SILVA, A. A. A rede social e os tipos de apoio recebidos por idosos institucionalizados. **Brasileira de Geriatria e Gerontologia.** Rio de Janeiro, v. 16, n.1, p. 159-170, 2013.

SANTOS, N. O. **Família de idosos institucionalizados:** perspectivas de trabalhadores de uma instituição de longa permanência. 2013. 88 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - UFSM, Santa Maria, Brasil, 2013.

SANTOS, Z. M. S. A. et al. Autocuidado universal praticado por idosos em uma instituição de longa permanência. **Brasileira de Geriatria e Gerontologia,** Rio de Janeiro, v.15, n. 04, p.747-754, 2012.

SATAUDINGER, U. M. ; MARSISKE, M. ; BALTES, P. B. Resiliência e níveis de capacidade de reserva na velhice: perspectivas da teoria de curso de vida. In: NERI, A. L. (org). **Psicologia do envelhecimento: temas relacionados na perspectiva de curso de vida**. Campinas. Papyrus, 1995.

SCHMIDT, D. B.; MAGNABOSCO-MARTINS, C. R. Aposentar-se de que? Percepções de trabalhadores próximos da aposentadoria. **ECOS**, Pelotas, v.1, n. 1, p.56-70. 2011.

SILVA, A. C. L. et al. Sensações do morar e a concretização de moradia para idosos egressos de um albergue. **Caderno Temático Kairós Gerontologia 8**, São Paulo, p.169-193. 2010.

SILVA, C. A. et al. Vivendo após a morte de amigos: história oral de idosos. **Texto Contexto Enfermagem**. Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 97-104. 2007.

SOCORRO, T. C. **Percepção de papéis durante o ciclo vital da família: a perspectiva da mulher idosa**. 2006. 120 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – UNICAP, Pernambuco, Brasil, 2006.

SOUZA, R. F; MATIAS, H. A ; BRÊTAS, A. C. P. Reflexões sobre envelhecimento e trabalho. **Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro. v. 15, n. 6, p.2835-2843, 2010.

STUAR-HAMILTON, I. **Psicologia do envelhecimento: uma introdução**. 3. ed. Porto Alegre. Artmed, 2002.

SUZUKI, M. Y. ; FALCÃO, D.V.S. O significado da viuvez e as relações familiares de viúva idosas. In FALCÃO, D.V.S. (org.). **A Família e o idoso: desafios da contemporaneidade**. Campinas. Papyrus, 2010.

TAUSSIK, I. ; WAGNER, G. P. Memória explícita e envelhecimento. In: PARENTE, M. A. M. P. (col.). **Cognição e envelhecimento**. Porto Alegre. Artmed, 2006.

TEIXEIRA, I, N. D'A. O; NERI, A. L. Envelhecimento bem-sucedido: uma meta no curso da vida. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 19, n.1, p. 81-94. 2008.

TEIXEIRA, I. N. D'. A. O. Fragilidade biológica e qualidade de vida do idoso. In NERI, A. L. (org.). **Qualidade de vida na velhice: enfoque multidisciplinar**. Campinas, 2ª. ed. Alínea, 2011.

TOMASINI, S. L. V; ALVES, S. Envelhecimento bem-sucedido e o ambiente das instituições de longa permanência. **RBCEH**, Passo Fundo, v. 4, n. 1, p. 88-102. 2007.

TÓTORA, S. Ética da vida e o envelhecimento. In: CÔRTE, B.; MERCADANTE, E. F.; ARCURI, I. G. (orgs.). **Envelhecimento e velhice: um guia para vida**. São Paulo. Vetor, 2006.

VITALE, M.A.F. Avós: velhas e novas figuras da família contemporânea. In: ACOSTA, A. R. ; VITALE, M.A.F. (Org.). **Família: redes, laços e políticas**. São Paulo. Cortês, 2007.

WALSH, F. ; MCGOLDRICK, M. **Morte na família: sobrevivendo às perdas**. Porto Alegre. Artmed, 1998.

XIMENES, M. A., CÔRTE, B. A. Instituição asilar e seus fazeres cotidianos: um estudo de caso. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**. Porto Alegre, v. 11, p. 29-52. 2007.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4a. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

ZARIT, S. H.; ZARIT, J. M. **Transtornos mentais em idoso: fundamentos de avaliação e tratamento**. 2 ed, São Paulo: Roca. 2010.

A P Ê N D I C E S

ROTEIRO PARA COLETA DE INFORMAÇÕES DO PRONTUÁRIO

1. Nome
2. Idade
3. Procedência:
 - Demanda espontânea
 - Demanda encaminhada
4. Motivo do internamento
5. Tempo de permanência na ILP
6. Referência familiar
7. Moradia anterior
8. Ocupação profissional
9. Saúde do idoso
10. Benefícios
11. Relação familiar
12. Situações de violência
13. Violação do direito do idoso

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

Você está sendo convidado para participar da pesquisa. **O Idoso nas Instituições de Longa Permanência: estudo de casos múltiplos.** Você foi selecionado por apresentar o perfil dos idosos que serão estudados na referida pesquisa e sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

Os objetivos destes estudos são: Descrever e analisar as percepções dos idosos não dependentes residentes nas ILP. Caracterizar o perfil sócio demográfico do idoso. Identificar os motivos que levam o idoso não dependente a procurar a ILP como moradia. Analisar o processo de acolhimento nas ILPs. Analisar como o idoso percebe a institucionalização.

Os riscos relacionados com a sua participação são: Não há danos, pois os instrumentos não são invasivos. No entanto, reconhece-se que as entrevistas podem mobilizar emocionalmente os entrevistados, contudo a pesquisadora é psicóloga, a qual poderá assistir os entrevistados, caso seja necessário.

Os benefícios relacionados com a sua participação nesta pesquisa contribuirá para melhor entender o idoso em sua complexidade a que se referem na sua adaptação as ILPs.

As informações obtidas através desta pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação.

Você receberá uma copia deste termo onde consta o telefone e o endereço da pesquisadora, tirar suas duvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Assinatura da Pesquisadora

Ana Cláudia de Oliveira Bentes

Psicóloga CRP 443

Av. Almirante Barroso, 768. C/119. Marco – Belém-PA

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro que li as informações acima sobre a pesquisa, que me sinto perfeitamente esclarecido sobre o conteúdo da mesma, assim como seus riscos e benefícios. Declaro ainda que, por minha livre vontade, aceito participar da pesquisa cooperando com seus procedimentos necessários.

Belém, ___/___/____.

Assinatura do sujeito da pesquisa

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**DADOS PESSOAIS**

Nome: _____

DN: _____ Idade: _____

Profissão: _____

Escolaridade: _____

Religião: _____

 Tutelado Pensionista**QUESTÕES**

1. Como o senhor (a) descreveria sua chegada aqui?
2. Fale sobre suas rotinas?
3. Recebe visitas?

A N E X O S

Secretaria de
Estado de Assistência
e Desenvolvimento Social



DIRETORIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL
COORDENADORIA DE PROTEÇÃO SOCIAL ESPECIAL ALTA COMPLEXIDADE

Av. Governador José Malcher, 1018, Nazaré, 66055-260-Belém-Pará, Fone/Fax(91)3219-4419

AUTORIZAÇÃO

Belém, 16 de janeiro de 2013.

A Coordenadoria de Alta Complexidade/DAS/SEAS vem através deste autorizar a aluna **Ana Cláudia de Oliveira Bentes** do Curso de Mestrado em Psicologia Clínica e Social da Universidade Federal do Pará, a realizar pesquisa na **UAPI Lar da Providência** nos dias e horários a serem combinados com a gerência desta unidade. Informamos ainda que é proibida a realização de imagens dos residentes desta Unidade.

Contato Gerência – 8215-8444 – Raimunda Célia Freitas.

Atenciosamente,


Milson Charles Tuma Reis

Milson Charles Tuma dos Reis
Coordenador da CPSE-AC
Mat. 54195023-1

INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PARÁ - ICS/



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O IDOSO NAS INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA: ESTUDO DE CASOS MÚLTIPLOS

Pesquisador: Ana Cláudia de Oliveira Bentes

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 12909513.0.0000.0018

Instituição Proponente: Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará - ICS/ UFPA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 284.584

Data da Relatoria: 28/05/2013

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa. Os dados serão coletados em visita à Unidade de Apoio às Pessoas Idosas I ar da Prov/dência, na cidade de Belém, no estado do Pará. A amostra será por conveniência com quatro idosos, 02 do sexo feminino e 02 do sexo masculino, com o critério de inclusão de idosos não dependentes e tempo de permanência na instituição, os quais serão convidados a participar da pesquisa, desde que solicitará a disponibilidade e colaboração dos participantes envolvidos, informando-os acerca do andamento sobre os dados coletados.

Objetivo da Pesquisa:

Descrever e analisar as percepções dos idosos não dependentes residentes em Instituição de Longa Permanência.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Não haverá riscos aparentes aos participantes, os procedimentos não serão invasivos. Quanto aos benefícios, a pesquisa ajudará a entender a complexidade das relações do idoso com sua permanência em Instituição de Longa Permanência.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa visa analisar como é a chegada, acolhimento e adaptação do idoso nas Instituição de

Endereço: Rua Augusto Cordeiro nº 01-51 de ICS 13 - 2ª and.
Cidade: Campus Universitário do Guamá **CEP:** 66.075-110
UF: PA **Município:** BELEM
Telefone: (91)3201-7135 **Fax:** (91)3201-8028 **E-mail:** cepcos@ufpa.br

INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PARÁ - ICS/



Continuação do Parecer: 294.584

Longa Permanência e as consequências desse processo na sua qualidade de vida.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos de apresentação estão contemplados no projeto. A referida pesquisa atende as recomendações definidas na Resolução CNS 196/96.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto, somos pela aprovação do projeto. Lsis: é nosso parecer, SMJ.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

BELEM, 27 de Maio de 2013

Assinado por:

Wallace Raimundo Araujo dos Santos
(Coordenador)

Endereço: Rua Augusto Corrêa nº 01 Sítio do ICS 13 - 2º and.
Bairro: Campus Universitário do Guamá CEP: 66.075-110
UF: PA Município: BELÉM
Telefone: (91)3201-7735 Fax: (91)3201-9028 E-mail: cepics@ufpa.br